

# O Museu Histórico Nacional

Reportagem de ADALBERTO MÁRIO RIBEIRO

**F**ORA da *Revista do Serviço Público* já temos tratado do Museu Histórico Nacional. A Casa do Brasil não nos é, portanto, desconhecida. Das duas visitas anteriores que lhe fizemos, como desta última, com o objetivo de colher notas para o presente trabalho, bem sabemos que nos restou muita coisa por ver e admirar.

Um estágio ali, de dois ou três anos, talvez nos possibilitasse conhecer de forma menos falha as preciosidades que a Casa do Brasil encerra, e assim mesmo não poderíamos prescindir da valiosa ajuda dos técnicos de suas várias secções.

Não espere, portanto, o leitor que, nas poucas páginas que lhe oferecemos em seguida sobre aquele mundo de relíquias históricas, possamos ressaltar-lhe toda a grandeza e opulência. Realizaríamos verdadeiro prodígio de síntese, se o fizéssemos...

## DUAS INSTITUIÇÕES CULTURAIS

No velho edifício do antigo Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro, à praça Marechal Âncora, várias instituições do Governo têm sede. Entre elas, duas de alta expressão cultural se destacam: o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos e o Museu Histórico Nacional. Do primeiro já tratamos em ampla reportagem, que a *Revista do Serviço Público* divulgou em seu número de setembro de 1942, e do segundo vamos nos ocupar agora, valendo-nos das notas que colhemos na visita à Casa do Brasil no dia 29 de dezembro, quando ali esteve também uma comissão de funcionários da Divisão de Aperfeiçoamento do Departamento Administrativo do Serviço Público, e depois quando lá voltamos em dias diferentes até conseguirmos material adequado para este trabalho.

### NO DIA DA VISITA DE FUNCIONÁRIOS DA DIVISÃO DE APERFEIÇOAMENTO

A visita da Divisão de Aperfeiçoamento do D.A.S.P. estava marcada para a 1 hora da tarde. Naturalmente os auxiliares do Dr. Mário de Brito teriam guia autorizado a orientá-los, ao percorrer as numerosas secções do Museu, e, assim, o reporter, seguindo-lhes a caminhada, poderia facilmente aproveitar-se do que lhes fôsse dito pelo cicero-ne da casa. Modo simples e prático, como vêem, de fazer-se uma reportagem...

Na portaria, "Sala Brasil", aguardamos por instantes o nosso fotógrafo. Para não perdermos tempo, começamos a tomar as primeiras notas, coisa ligeira, que não precisava de qualquer informante, pois era só copiar.

À direita da entrada, em larga placa de metal, lemos:

A CASA DO BRASIL  
O Brasil e os brasileiros

"Sois homens de elevados sentimentos, sois uma nação generosa, tendes a dupla vantagem de uma terra virgem e de uma raça antiga, um grande passado histórico vos liga ao continente civilizado, reunís a luz da Europa ao sol da América, é em nome da França que vos glorifico".

(Carta de Vitor Hugo a Charles de Ribeyrolles, datada de Guernesey a 4 de novembro de 1860).

À esquerda e à mesma altura da anterior, outra placa com estes dizeres:

Ministério de Educação e Saúde  
Museu Histórico Nacional  
Fundado em 1922  
Entrada franca  
Visitas: de 12 às 16 horas  
Aberto aos domingos e feriados  
Fechado às segundas-feiras  
Expediente: dias úteis de 11 às 17 horas.

E, assim, o leitor fica sabendo a que horas pode visitar o Museu. Quanto aos conceitos de Hugo sobre o Brasil e os brasileiros, não há patriota que não se alegre com eles.

Então podemos passar à "Sala do Brasil", isto é, à Portaria, onde dois grandes bustos em gesso despertam a atenção do visitante.

O primeiro encimado por esta placa:

O Visconde Mauá  
A penetração ferroviária

O segundo, por esta outra:

O Visconde Cairú  
A abertura dos portos

Ambos estes bustos são doação de Bernardelli.

E lá em cima, ao alto da porta, o retrato, em fotografia, do Sr. Getúlio Vargas.

Na porta que dá acesso ao pátio interno, verdadeira praça d'armas pela profusão de canhões e morteiros ali alinhados, vêem-se, em escudo, as armas do Império.

Não poderemos possivelmente prosseguir neste apuro de minúcia quanto ao resto da casa. Com isso quisemos apenas dar idéia ao leitor de nossa boa vontade em fixar o que lá vimos. E' verdade que o fizemos quando ainda



*Entrada do Museu Histórico. Os lampiões de ferro que a ladeiam foram do portão do antigo Arsenal de Guerra da Córte, nos tempos coloniais, como se vê em antigas estampas. No arco, ao fundo, o brasão imperial*

não estávamos cansados. Mas, depois, tomamos nesse dia tal fartão de “bom-bocados”, isto é, de tantas raridades preciosas, que resolvemos voltar vêzes seguidas e fixá-las com mais vagar e melhor disposição de espírito.

E o nosso-fotógrafo chegou afinal; bateu a primeira chapa, a da entrada do Museu, e depois passou ao pátio, onde aquêles canhões enfileirados não chegam a meter muito medo à gente. São peças interessantes agora pelo seu valor ... artístico, trabalhadas que foram há séculos atrás como se fôsem joias. E ouvindo-se a palavra erudita do Sr. Gustavo Barroso, ao lhes definir as partes componentes, com minúcia e carinho todo especiais, o visitante mais indiferente às velharias bélicas do passado chega a interessar-se pelos pesados canhões, hoje tão inofensivos que até os passarinhos fazem ninho nas suas bocas, certos de que não disparam mais... Por natural associação de idéias, lembramo-nos dêstes versos de Hugo:

L'oiseau de la paix

Dans la bouche de la bête...

E à tarde, os pardais, ao se recolherem a penates, dão suave alegria àquele recanto pacífico da mais belicosa dependência da vasta Secção de Armas, tornando-a até har-

moniosa e acolhedora, propícia à contemplação dos encantos da natureza.

#### SALA DOS VICE-REIS

Os funcionários da Divisão de Aperfeiçoamento do Departamento Administrativo do Serviço Público, à hora aprazada, chegam para visitar o Museu.

A comissão de visitantes tem por “coordenador” a senhorita Cirene Canedo, a quem somos apresentados pelo técnico de educação, professora Ana de Alencar.

O Sr. Gustavo Barroso, com cativante fidalguia, deixa seu gabinete de trabalho e vem em pessoa receber os visitantes, na “Sala dos Vice-Reis”, a primeira junto à Portaria.

Num requinte de gentileza, o diretor do Museu se dispõe a acompanhar a todos na visita, o que nos foi altamente proveitoso, como se verá em seguida.

Antes de o fazer, expôs de forma simples e clara como foi instalado no velho edifício do Arsenal de Guerra o Museu Histórico. E o nosso fotógrafo bate então a terceira chapa, focalizando-nos a ouvir a palavra do Sr. Gustavo Barroso, que se reporta às dificuldades imensas que teve de enfrentar para conseguir compor decentemente as dependências do tradicional edifício, onde, em grande parte, esteve instalada a célebre *Revista do Supremo Tri-*

bunal e foram expostos ao público, mais tarde, alguns stands de máquinas da Exposição Internacional de 1922, realizada com grande sucesso na Presidência Epitácio Pessoa.

— Aquí nesta sala, o piso era de terra batida e areia. Foi aos poucos, com minguados recursos financeiros, que conseguí dar-lhe esta apresentação, que os senhores vêem. E, assim, também ao resto da casa, onde hoje ainda se encontram sérios defeitos, irremovíveis pela sua natureza, mas de que não somos culpados. As reparações que exigem trabalhos de carpintaria e outros semelhantes, nós mesmo as executamos, sem necessidade de concorrências e outras exigências regulamentares, pois aquí é dominante o espírito de cooperação de todos os servidores do Museu, que nele trabalham com o mesmo carinho como se estivessem trabalhando em coisa sua, de seu interesse pessoal.

E o Sr. Gustavo Barroso acrescentou:

— Durante muitos anos a verba anual destinada à conservação do Museu e compra de raridades para enriquecer-lhe o patrimônio variava de 14 a 20 contos. Basta esta pormenor para que os senhores julguem bem de nossas aperturas...

— E hoje, qual é a situação?

— O meu papel de Irmã Paula, a pedir auxílio, a solicitar cessão ao Museu de preciosidades históricas por

baixo preço ou de graça, cessou por completo. O Governador Getúlio Vargas tem, felizmente, concedido à casa recursos financeiros necessários, suficientes a proporcionar-lhe existência condigna. Mas também não quero dizer que a contribuição particular tenha cessado. Isto não! Valiosas coleções de objetos raros, como os senhores verão em seguida, continuam chegando ao Museu, oferecidas por quem as deseja bem resguardadas de destruição parcial ou total, o que revela, sem dúvida, confiança e simpatia pela Casa de Brasil.

#### *Porcelanas e cristais*

Terminada a explanação do Sr. Gustavo Barroso, começou a visita pela "Sala dos Vice-Reis", na qual se acham expostas coleções riquíssimas de porcelanas e vários serviços reais e imperiais, de D. João VI, D. Pedro I, D. Pedro II, e dos maiores nomes da nobreza brasileira e da República.

E o Sr. Gustavo Barroso esclarece:

— Aquí está esta coleção de porcelanas da China, século XVIII. Pertenceu ao barão de Massambará. São, ao todo, 190 peças e valem 300 mil cruzeiros. Observem: cada peça tem pintura diferente. Não se encontram nela



*Pátio Epitácio Pessoa, vendo-se o busto dêsse fundador do Museu Histórico e a fonte colonial*

nema: é "The Audio-Visual Handbook", de Ellsworth Dent, autoridade no assunto nos Estados Unidos, país onde o cinema educativo é empregado intensamente nas escolas.

— E' grande o interesse pelas obras sobre cinema?...

— Além dos leitores que são estranhos à casa e que vêm em grande número visitar a nossa biblioteca, temos os pedidos de professores dos Estados sobre os livros mais necessários ao estudo e emprego do cinema educativo; então envio-lhes listas de livros e revistas sobre o assunto e os endereços onde poderão adquiri-los, mas creio que só dificilmente os conseguirão neste momento. Ofereço-lhes também cópias de artigos já traduzidos de revistas estrangeiras, que lhes podem ser de utilidade na organização da biblioteca, ainda que pequena, e na manutenção do aparelhamento.

— De quantos livros consta a biblioteca da casa?

— O acervo bibliográfico é hoje de 1.950 obras em 2.450 volumes, 226 revistas, entre nacionais e estrangeiras, com 4.485 números, e ainda 4 bibliofilmes.

MODÉLO DE UMA FICHA

A título de curiosidade, reproduzimos aqui uma ficha da biblioteca do I.N.C.E. Refere-se justamente ao "Audio-visual handbook", a que fizemos referência linhas atrás:

CINEMA EDUCATIVO

AUDIO-VISUAL HADBOOK, The  
Dent, Ellsworth C.

Publ. The Society for Visual Education, Inc. Chicago  
1937. — 180 pg.

Est. IX

Prat. I

Liv. 8 Nota: Escrito especialmente para quem se dedica ao ensino, esta excelente obra informativa, de caráter prático, apresenta de maneira analítica os diferentes tipos de material didático, empregados sucessivamente para facilitar a árdua e delicada missão do educador. Passam assim, sob os olhos do leitor, como num filme às vezes em câmera lenta, outras vezes em acelerada, os meios mais conhecidos e mais ou menos utilizados como auxiliares de ensino, desde o quadro negro até as projeções fixas e animadas. Dent preconiza o aproveitamento de vantagens inerentes aos progressos da técnica moderna na escola, encarando a possibilidade do rádio combinado com a imagem, e também da televisão, terem futuramente úteis aplicações no ensino.



I.N.C.E. — O professor Roquette Pinto mostrando a Walt Disney um álbum de fotografias

Brasil, mas conforme pudemos no momento copiar-lhes os nomes :

- D. Jorge de Mascarenhas, marquês de Montalvão (1.º vice-rei, na Bahia)
- D. Marcos de Noronha e Brito, conde dos Arcos (último vice-rei, no Rio de Janeiro)
- D. Fernando José de Portugal, marquês de Aguiar
- D. José Luiz de Castro, conde de Rezende
- D. Vasco de Mascarenhas, conde de Óbidos
- D. Luís de Vasconcelos e Sousa, conde de Figueiró
- D. Luís de Almeida Portugal Soares de Mascarenhas, 2.º marquês do Lavradio
- D. Pedro Antônio de Noronha, marquês de Angeja
- D. Antônio Rolim de Moura, conde de Azambuja
- D. Antônio Alvares da Cunha, conde da Cunha
- Vasco Fernandes Cesar de Menezes, conde de Sabugosa
- D. Antônio de Almeida Soares Portugal, 1.º marquês do Lavradio
- D. Marcos Noronha, 6.º conde dos Arcos
- D. Luís Peregrino de Ataíde, conde de Atouguia
- André de Melo Castro, conde das Galveias.

#### SALA CARLOS GUINLE

Deixando a longa "Sala dos Vice-Reis", que pode ser considerada a de visitas da Casa do Brasil, passamos para a que lhe fica aos fundos, bem menor, e lugar de passagem para a "Almirante Barroso", como a primeira, muito extensa.

Harmoniosa pelo seu revestimento de jacarandá, a "Sala Carlos Guinle" apresenta uma galeria de retratos de todos os ministros da Justiça desde José Bonifácio até o Sr. Viana do Castelo. Ao centro de uma das paredes por onde se estende essa galeria de retratos, vê-se uma cópia do quadro de Le Chevrel, representando D. Pedro II em trajes majestáticos.

Ao fundo da sala, como se fôsse grande nicho, há o *stand* no qual se guardam objetos de prata, ouro e brilhantes da Secção de História.

Não vamos mencioná-los todos, por falta de espaço. Basta-nos citar aquêles que mais nos despertaram interesse e que são :

Album de ouro e prata, homenagem ao marechal Solano Lopez pelas senhoras do Paraguai.

Busto, em prata e ouro, de Rio Branco.



*Sala dos Vice-Reis. Nas paredes, os brasões dos quinze vice-reis do Brasil, que ornamentaram a Exposição Histórica Brasileira em 1940, nas comemorações dos centenários de Portugal, em Belém (Lisboa). Nas vitrinas, porcelanas e cristais preciosos, brasonados ou não, reais, imperiais e pertencentes à antiga nobreza ou a individualidades históricas*



Quadro anônimo representando uma projetada Avenida do Imperador, a ser aberta nos últimos tempos da Monarquia, do Canal do Mangue à cidade, pelo mesmo traçado da atual Avenida Getúlio Vargas. O quadro figura na Sala Otávio Guinle, um dos benfeitores do Museu Histórico, entre gravuras e pinturas do Rio de Janeiro antigo

Album com guarnição de ouro, oferecido ao conde de Matosinhos pelos seus amigos.

Album de ouro e prata, oferecido ao ministro da Guerra, Manuel Vieira Tosta, depois marquês de Muritiba, pela Guarda Nacional do Império, em 1870.

Espada de ouro e brilhante dos marechais Deodoro e Floriano.

Placa de ouro e esmalte, com o decreto que declarou o Presidente Getúlio Vargas hóspede de honra do Governo da República do Paraguai, em 1941.

Plaqueta de ouro e prata, com os escudos conjugados da Argentina e do Brasil — homenagem da colônia sírio-libanesa ao Presidente Getúlio Vargas, em 1935.

Cartão de ouro oferecido a Cristiano Otoni, por ocasião de suas bodas de ouro, em 1887.

Cartão de ouro e pedras preciosas, oferecido ao Presidente Washington Luís pela colônia síria de São Paulo, em 1926.

Linda caneta de ouro, brilhantes e esmeralda, adquirida por subscrição popular e oferecida à princesa Isabel, em 1888, para assinar a Lei Áurea.

Bela espada de ouro, brilhante e esmalte, oferecida pelo general Roca ao almirante Baltazar da Silveira.

Ainda estão para ser devidamente catalogados e expostos os objetos que pertencem ao conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira e recentemente adquiridos pelo Governo do Presidente Vargas.

#### SALA ALMIRANTE BARROSO

Dois grandes quadros despertam logo a atenção do visitante desta sala: o da "Batalha Naval do Riachuelo" e o da "Passagem do Humaitá", ambos de Vitor Meireles.

Num canto da sala, em pequena vitrine, modelo da Amazonas, feito com pedaços de madeira da própria fragata capitânia da nossa esquadra ao vencer a de Solano Lopez, comandada pelo capitão-tenente Mazza, em 11 de junho de 1865.

A mastreação foi também feita com cordas da heróica fragata, e a tinta conseguida da que foi raspada da sua pintura.

Várias figuras de proa dos navios que tomaram parte na batalha do Riachuelo podem ser vistas nessa sala, onde também se encontram as correntes e manilhas que fechavam o rio Paraguai por ocasião da passagem do Humaitá, a 19 de fevereiro de 1868, e as rodas do leme do monitor Alagoas, que forçou essa mesma passagem.

## SALA OTÁVIO GUINLE

O Dr. Gustavo Barroso, ao nos falar desta sala, disse-nos ser ela a sua colcha de retalhos. Não obstante a diversidade dos objetos que a compõem, é harmoniosa e seduz o visitante ao primeiro contacto, tal a boa disposição das preciosidades nela expostas e o arranjo de sua decoração.

Ao centro vê-se o modelo de um "destroyer" brasileiro, do tipo da reforma da Armada em 1910.

Dois belos vitrais, que tanta vida dão à sala, são arranjos hábeis e inteligentes da direção do Museu. Um deles foi armado com pedaços dos vitrais do paquete *Alagoas*, que em 1889 conduziu para o exílio a família imperial brasileira. O outro veio do pavilhão da Tchecoslováquia na Exposição Internacional de 1922 nesta capital.

O Dr. Gustavo Barroso chamou nossa atenção para um quadro, que nos passaria de certo despercebido, e considerado pelo diretor do Museu como talvez a maior preciosidade daquela sala: a bandeira de um regimento de infantaria do Brasil-Reino, que existia por ocasião da chegada ao Brasil do Príncipe Regente, a 7 de março de 1808.

A bandeira é feia e, repitamos, se não fôsse o esclarecimento do Dr. Gustavo Barroso não nos interessaria absolutamente...

## SALA MARQUÊS DE TAMANDARÉ

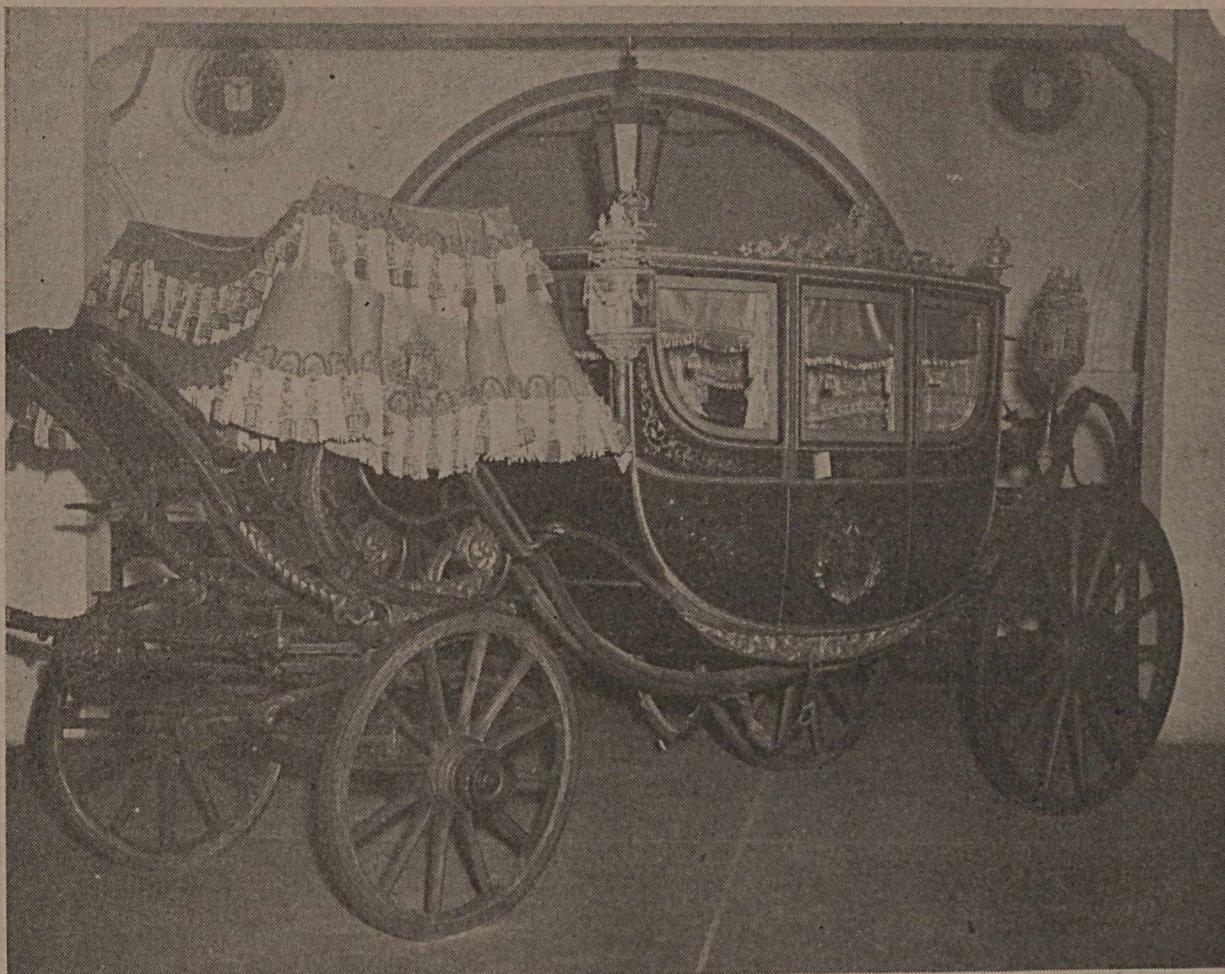
Nesta sala estão expostos modelos de nossos navios de guerra, inclusive um em prata do couraçado *São Paulo* e uma soberba coleção de aquarelas de uniformes do Brasil-Reino, doadas ao Museu pelo ministro Jerônimo Figueira de Melo.

Um grande modelo do couraçado *Minas Gerais*, dominando a sala, é alvo de atenção imediata. Se o confrontarmos com o atual couraçado verificaremos que há diferenças de detalhes. Como se sabe, o grande vaso de guerra sofreu há tempos algumas modificações, com a introdução de novos melhoramentos, que lhe modificaram um pouco a apresentação.

O modelo exposto é trabalho admirável do próprio estaleiro que construiu o original, o de verdade, e, como neste, todas as peças que têm movimento também se movem graciosamente.



Carro do Ouro, do serviço de gala da Casa Imperial, restaurado recentemente pelo Museu Histórico



*Carro da Prata, do serviço da Casa Imperial, restaurado recentemente pelo Museu Histórico*

Um outro couraçado nos chama a atenção: o *Independência*, que, afinal, não existe na nossa esquadra. Foi construído por encomenda do Governo brasileiro a um estaleiro inglês em 1873, mas não chegou a vir para o Brasil, pois foi comprado em 1878 pela própria Inglaterra.

#### SALA CONDE DE BOBADELA

Da "Sala Marquês de Tamandaré", passamos à "Sala Conde de Bobadela", que, como as denominadas "Conde de Pôrto Alegre" e "Saldanha da Gama", a descreveu em seguida, acha-se ainda no pavimento térreo, e na dependência do edifício onde anteriormente estiveram máquinas impressoras da Imprensa Nacional, levadas depois para o seu novo edifício à avenida Rodrigues Alves.

Logo no início da "Sala Conde de Bobadela", vimos uma coleção de alabardas e partazanas dos arqueiros do Paço. Modelos de canhões e couraças e doze machados dos machadeiros ou porta-machados do 1.º Batalhão de Fuzileiros da Guarda Nacional da Côte.

E o Dr. Gustavo Barroso esclarece-nos:

— Os machadeiros, homens fortes e todos da mesma estatura, usavam aquele avental de couro, que está ali à parede, e barbas... postiças.

Os tais machados, de gume afiadíssimo, são de fazer arrepiar a gente. Agora, imaginem vê-los brandidos por homens altos, possantes e barbados, de caras de poucos amigos, quem não fica assim meio esquisito — sem ânimo, estado que não chega a ser de medo... — e não sente aquele calefrio torturante dos grandes momentos?

E passamos adiante, a ver sabres de abordagem da Marinha e esta peça curiosa: um mosquete de caça que pertenceu a D. João VI, com incrustações de marfim e madreperola. No volume II dos *Anais do Museu Histórico Nacional*, o conservador Paulo Olinto publica interessante trabalho sobre êsse mosquete, que considera verdadeira joia da armaria, adiantando-nos que "o Rei a ofertou em 1818 ao Museu Real, atualmente Museu Nacional, donde, mais de um século depois, foi transferido para o Museu Histórico. Últimamente figurou nos mostruários do Brasil durante a Exposição dos Centenários de Portugal, em Lisboa".

Observamos mais estas armas, interessantes pelo seu feitio diferente: a *caitoca* (arma indú); a *bukala* (espingarda mourisca) e o *esmerlão*, grande espingarda para caçar patos selvagens. O cano do esmerlão mede 13 palmos!

Tomamos nota de uma espada e de um escudo, do renascimento italiano, duas verdadeiras preciosidades da "Sala Conde de Bobadela".

Finalmente, exposto ao centro da sala, a reprodução em bronze, do famoso monumento de Frederico, o Grande, oferecido pela Casa Krupp ao marechal Hermes, em 1913, por ocasião de seu casamento com a Sra. Nair de Teffé.

#### SALA CONDE DE PÔRTO ALEGRE

Muito ampla a "Sala Conde de Pôrto Alegre", em cujas paredes laterais se vêem extensas filas de sabres e espadas, dos mais antigos aos mais recentes.

No centro, as carruagens imperiais, de que damos fotografia nesta reportagem.

A professora Ana de Alencar revela-nos satisfação ao observar as linhas das duas soberbas carruagens, que o Museu Histórico conseguiu hábilmente restaurar.

O carro a Daumont, êste da República, também é imponente. Modesta caleça que servia a Rio Branco. Simples e pequeno o carro do general Osório, por êle usado na campanha do Paraguai.

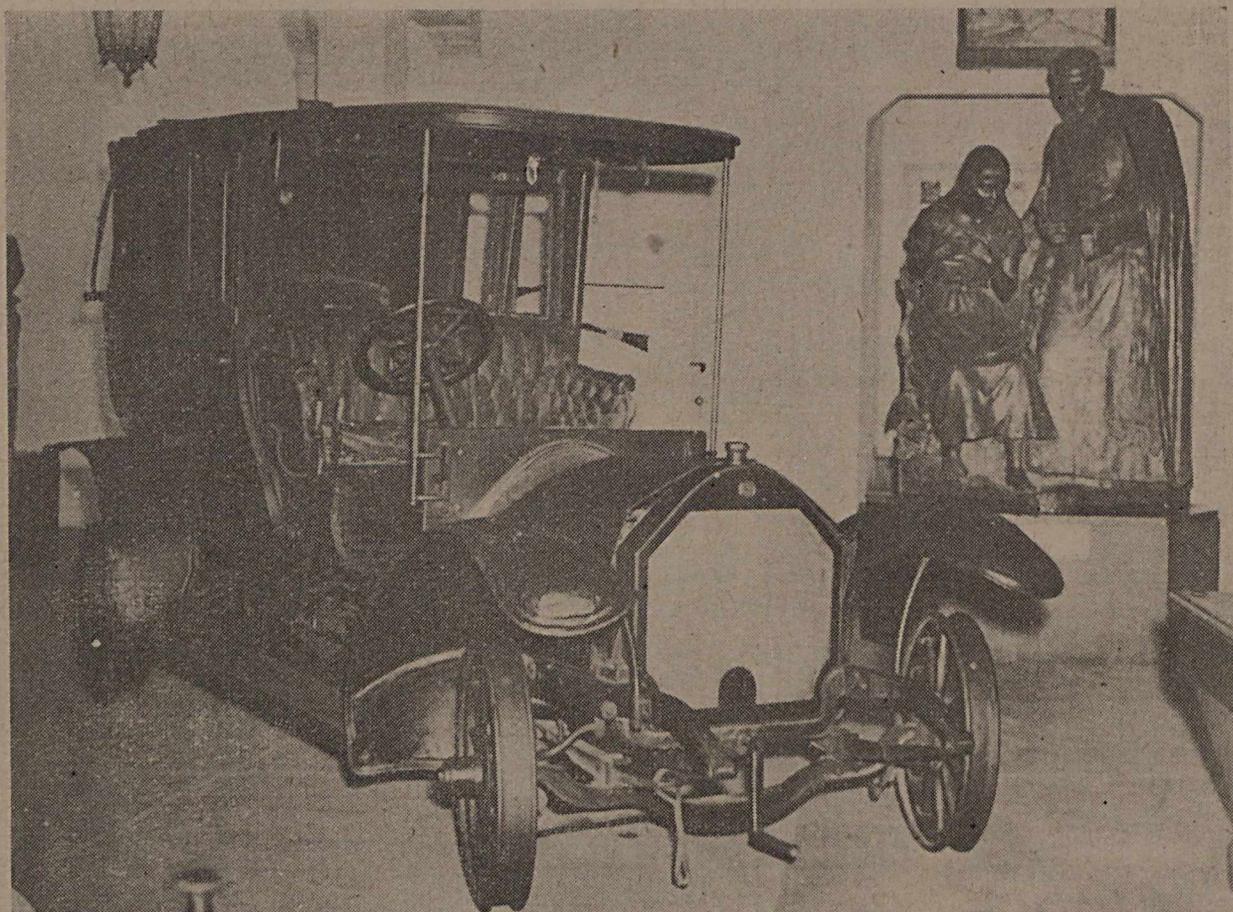
Velhos, feios, destroçados, dois pares de rodas — eis tudo quanto resta da única carruagem trazida pelo Príncipe Regente D. João, quando de sua fuga para o Brasil, tanguido pelos soldados de Junot.

Êsse carro é chamado a "Sege dos Três Reis", pois serviu a D. Maria I, a D. João VI e a D. Pedro I.

O Dr. Gustavo Barroso adverte-nos:

— Não esqueçamos que a "Sege dos Três Reis" foi o carro de casamento e coroação do primeiro imperador do Brasil!

Um automóvel, feíssimo, incrível, mas que para a época era um primor, um *Porthos*, marca de que hoje ninguém mais fala, desperta o riso irreverente do observador... Não precisamos descrevê-lo. Oferecemos ao leitor a fotografia dessa relíquia automobilística, com legenda bem explícita, que devemos à gentileza dêsse *gentleman* que é o Sr. Gustavo Barroso.



Automóvel marca "Porthos", a melhor do seu tempo, encomendado especialmente para o serviço d'El Rei D. Carlos de Portugal em sua projetada visita ao Brasil, pelo Barão do Rio Branco, então Ministro das Relações Exteriores. Não tendo o Rei realizado essa visita, o Barão utilizou-se dêsse carro até a sua morte, em 1912



Sala Almirante Barroso, relicário de coisas da nossa Marinha. No primeiro plano, a grande tela de Vitor Meireles — “Batalha do Riachuelo”

Muito interessante a coleção de liteiras que o Museu possui, entre as quais se encontra a que serviu ao barão de Suassuhy (José Inácio Gomes Barbosa), chefe do Partido Conservador em Queluz, Minas, em 1854.

Há também a cadeirinha que pertenceu ao Visconde de Abaeté (Antônio Paulino Limpo de Abreu).

Ao deixarmos a “Sala Conde de Pôrto Alegre”, chamaram-nos a atenção para estas duas preciosidades: uma espada de execução, século XVI, possivelmente trazida ao Rio de Janeiro por Villegaignon e em cuja lâmina se vêem a figura da Justiça com sua clássica balança e esta inscrição — “Vive la Justisse (sic)”, e um elmo de cavaleiro do século XVI, peça que pertenceu ao gabinete de armas de D. Pedro II e que qualquer dos grandes museus da Europa faria questão em possuir.

#### SALA SALDANHA DE GAMA

Tôda essa sala é destinada à guarda de objetos de marinha. No seu centro acha-se exposto em vitrine o modelo da galera *L’Ardent*, que serviu ao pintor Zeferino da Costa

para pintar os lindos painéis do teto da igreja da Candelária.

Essa galera foi recentemente restaurada por funcionários do Museu, sob a direta inspiração do Dr. Gustavo Barroso.

#### PÁTIO DR. EPITÁCIO PESSOA

Já nos referimos ligeiramente a êsse pátio, nas primeiras notas colhidas na Casa do Brasil. Agora vamos dêle tratar novamente, mas também sem muitas delongas.

Quatro oitís esparramam sombra acolhedora no pátio, tornando-o muito agradável, sobretudo em dias de intenso calor, como aquêle em que lá estivemos.

Cêrca de uma centena de canhões inofensivos, de variados tamanhos, resiste alí bravamente à ação destruidora do tempo, pois são todos de aço de rija têmpera. Notamos o carinho do Dr. Gustavo Barroso, ao tocar, deslizando a mão sôbre aquelas peças, como se faz a um animal de raça. Chega a afagá-las...

E ao falar em canhões e armas, o diretor do Museu Histórico dá-nos impressão de que é também... oficial de artilharia do nosso Exército.

Nunca nos passou pela cabeça que se pudesse precisar o nome de cada parte componente de um canhão com o mesmo rigor com que um anatomista faz com o corpo humano.

Assim é que o Dr. Gustavo Barroso, diante de velho canhão holandês, brinda-nos com agradável explanação sobre a velhíssima peça, não se esquecendo de seus mínimos detalhes, dos *nadas* de sua apresentação e que, aos leigos como nós em assuntos de armaria, escapariam com certeza facilmente.

— Observem bem aqui na culatra êste trigrama da Companhia das Índias Ocidentais, encimado pela letra Z. Êste canhão serviu aos holandeses na sua incursão ao norte do Brasil.

E continuando, mostrou o Dr. Gustavo Barroso o *primeiro* refôrço da peça, o segundo, os *munhões*, as duas azas, a *bolada*, a *cascavel*, nomeando tudo com facilidade e segurança.

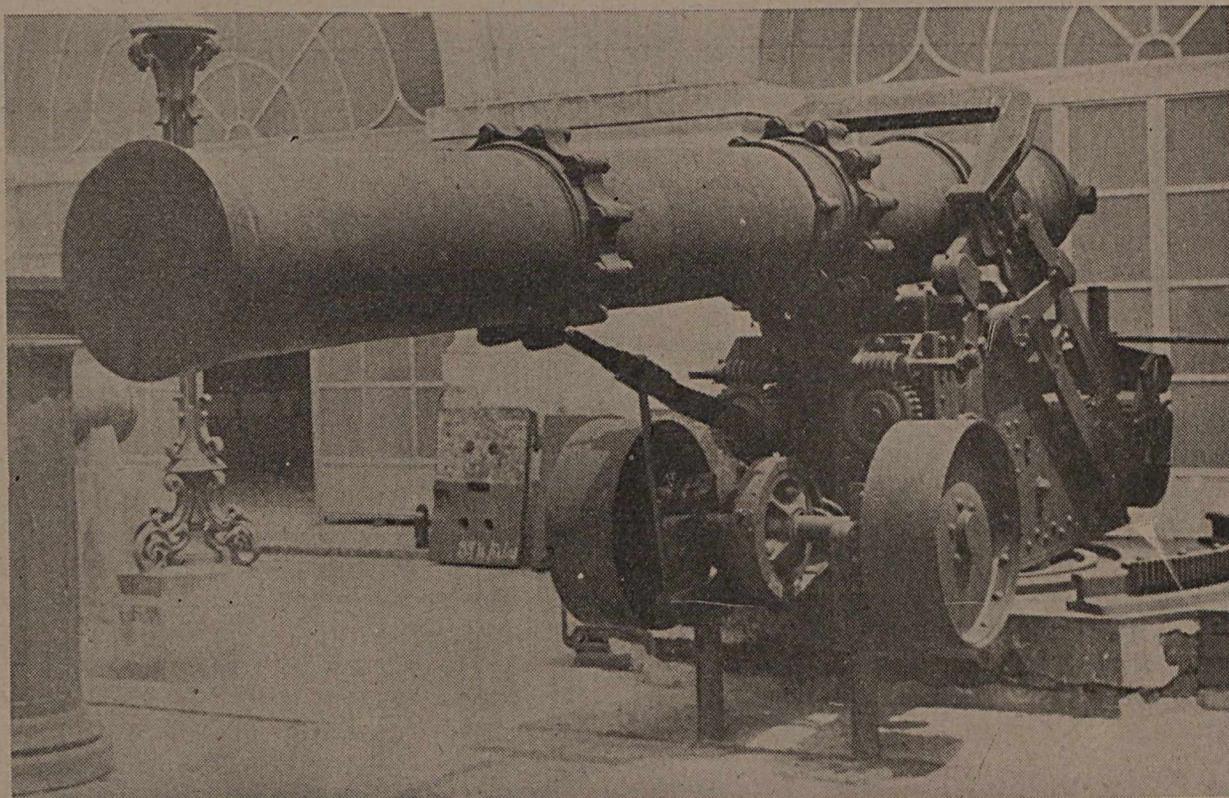
— As armas antigas eram trabalhadas com muita arte, com muito gosto. Não tenho, entretanto, nenhum interesse pelas armas modernas, indigentes de requisitos artísticos, duras, inexpressivas...

Passamos depois a ver dois canhões interessantes, cujo fundidor foi Jacobus Rocca, genovês. São canhões portugueses do século XVIII, trazidos do forte de Tabatinga. Um deles não tem mais a cascavel, por ter sido esta retirada pelo então capitão-tenente José Carlos de Carvalho, que a trouxe em 1892 de seu destêro em Tabatinga.

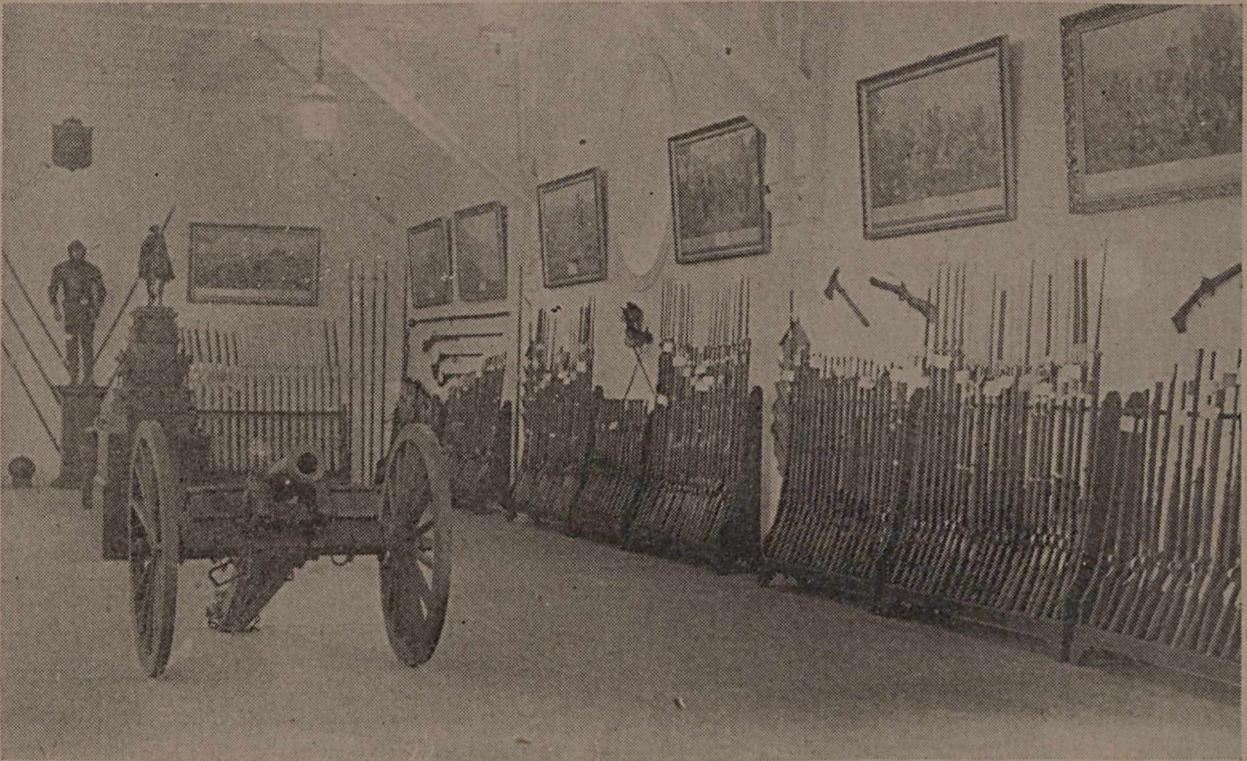
Defronte do busto do Presidente Epitácio Pessoa há gigantesco canhão de bronze, o *El Cristiano*, fundido com os sinos das igrejas de Assunção em 1867. Foi retirado do fundo do leito do rio Paraguai por José Carlos de Carvalho, que o trouxe para o Rio de Janeiro. Juntamente com o "Caboclo" e o "Caverá", fazia êle parte das peças que guarneciam a famosa bateria "Londres", durante a passagem de Humaitá.

*Ultima ratio justitiae*, o último argumento da justiça (a força), está assim inscrito num canhão português de 1680, de D. Pedro II, de Portugal. Legenda desnecessária, sem dúvida, mas de atrevida sinceridade...

Depois da visita ao "Pátio Epitácio Pessoa", o diretor do Museu incumbiu as conservadoras Jenny Dreyfus e Fortunée Levy de orientar-nos no resto da revista à casa, pois precisa retirar-se.



Grande bombardia italiana que serviu contra os austríacos e alemães, no Carso, durante a primeira guerra mundial, e esteve exposta no Pavilhão da Itália na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, em 1922. Oferecida pelo Rei Vitor Emanuel III ao Museu Histórico Nacional



*Sala Conde de Pôrto Alegre. Coleção de armas usadas no Brasil desde o século XVII e painéis dos grandes feitos militares desde o período colonial até a Guerra do Paraguai*

Muito solícitas e gentís, as duas técnicas da Casa do Brasil prosseguiram na penosa tarefa de falar sobre um mundo de coisas que lhes são familiares e responder a indagações dos visitantes mais curiosos.

Veio o cansaço, e não tomamos mais notas e isso com muito pesar, porque as Sras. Jenny e Fortunée continuaram com muito brilho a série de informações iniciada pelo Dr. Gustavo Barroso. Melhor seria voltar noutro dia e fixar as nossas impressões com vagar. Foi o que fizemos realmente.

Novamente falamos ao Dr. Gustavo Barroso, tendo também nos atendido o professor Menezes de Oliva, chefe da Secção de História e professor de História da Arte, do Curso de Museologia.

#### SALA SMITH DE VASCONCELOS

Na "Sala Smith de Vasconcelos" estão sendo expostas numerosas imagens religiosas e entre estas, a valiosíssima coleção "Sousa Lima", composta de 572 imagens, na sua maioria crucifixos, modelados ou esculpidos em marfim, terra cota, prata, ouro e madeira.

Não conhecemos pormenorizadamente a história da coleção "Sousa Lima", mas sabemos, em linhas gerais, que se trata de um dos mais ricos, senão o mais rico conjunto, sob vários aspectos, de crucifixos existentes nesta capital.

O seu antigo proprietário, homem culto e de acentuado espírito artístico, dava-se ao luxo de comprar quanto crucifixo de valor, bem trabalhado, que lhe caísse sob as vistas. E não discutia preço. Sua constante preocupação era enriquecer cada vez mais sua coleção.

Ora, aí está! Interessante preocupação! E, afinal de contas, razoável, bem razoável, a atestar o bom gosto e a predileção do colecionador por trabalhos de modelagem e delicada escultura executados de forma tão delicada e expressiva: em imagens do Senhor!

Mas um dia a valiosa coleção foi empenhada na Caixa Econômica pela insignificância de 70 mil cruzeiros, quando valia cerca de 4 milhões! Foi empenhada e iria ser possivelmente levada em leilão. Claro que a Caixa Econômica não conseguiria licitante para toda a coleção de uma só vez. Daí, com certeza, ver-se na contingência de desdobrá-la em vários lotes, o que, sem dúvida, importaria a dispersão das imagens por vários proprietários e, conseqüentemente, o dismantêlo de uma coleção, que não podia e não devia, de forma alguma, ser desfeita.

A direção do Museu Histórico Nacional pôde em tempo salvar o valioso conjunto de crucifixo, resgatando o Governo a cautela pela importância de 100 mil cruzeiros. E agora a Casa do Brasil se acha dotada de mais essa riqueza, que deve ser apreciada com agrado por toda gente.

*Cristos das mais diversas nacionalidades*

Os Drs. Gustavo Barroso e Menezes de Oliva levaram-nos a ver a coleção "Souza Lima", na qual se vêem Cristos de tôdas as nacionalidades!

Cristo português, Cristo espanhol, Cristo italiano. E até um interessante Cristo mongol, de longos bigodes caídos, de olhos meio amortecidos e oblíquos, à chinesa. Interessantíssimo!

*Diante de um crucifixo italiano*

Sem dúvida que a diversidade de fisionomia de Cristo naqueles crucifixos reflete bem a influência do meio em que as imagens foram trabalhadas. O Cristo mongol e o italiano, mais do que os outros, denunciam essa influência, mesmo às pessoas desprovidas de senso crítico ou pouco observadoras.

Diante de um crucifixo italiano, observa-nos o professor Oliva:

— Veja bem que primor é esta imagem! Se Benevenuto Cellini tivessê trabalhado em marfim, não erraria, de certo,

quem lhe atribuisse semelhante obra. A naturalidade da fisionomia de Jesus, a distensão dos músculos do pescoço e também, Ribeiro — dêste lado vê-se melhor — a expressão dos olhos meio cerrados, não é mesmo de intenso sofrimento?

*Um Cristo Bisantino*

Diante de pequena montra, escrínio precioso, onde vimos uma imagem de Cristo com destaque especial, o professor Menezes de Oliva nos diz:

— Imagens bisantinas como esta são muito raras. Os imperadores basiléos, da seita dos Iconoclastas, mandavam destruir tôdas as imagens que apreendiam, atirando-as ao fundo do Bósforo.

Era preciso que subisse ao trono de Bisâncio uma imperatriz, fôsse Zoé ou Irene, para que se fizesse cessar tal prática, pois essas duas soberanas mandaram repor nos templos as imagens dêles retiradas pelos iconoclastas.

E, apontando-nos uma imagem bisantina, acrescentou:



*Sala D. Pedro II, em que se respira a presença constante do Imperador Filósofo, da Imperatriz Mãe dos Brasileiros, da sua Côrte e de todo o Segundo Reinado, nas artes, na política, na administração, na diplomacia e na vida social*



Sala D. Pedro I. Relíquias do Primeiro Reinado e do Primeiro Imperador. Dominando o ambiente, o modelo da estátua de D. Pedro I, do escultor Rodolfo Bernardelli

— Aquí está um Salvador bisantino, segurando o globo com a mão esquerda e com a direita abençoando a Humanidade.

#### *Variada coleção agiológica*

Além da coleção "Sousa Lima", há uma grande cópia de outras imagens na Sala Smith de Vasconcelos.

Já estão lá, por exemplo: S. Francisco Xavier, S. Francisco de Assís, S. José, S. Gregório, S. Damásio, Santo Antônio, Santo Agostinho, Santo Elesbão, etc.

Só com imagens da Virgem serão formadas quatro vitrines.

Vimos lá a única santa sul-americana — Santa Rosa de Lima — e uma N. S. do Rosário, de linhas esguias, estilo gótico, século XIII.

Belos quadros a óleo e aquarelas de vários de nossos templos do Brasil-colônia compõem a "Sala Smith de Vasconcelos". Aí também está guardada a valiosa coleção de aquarelas de Norfini, de igrejas de Ouro Preto, Sabará e Congonhas.

#### *Santo Antônio*

O nome de batismo de Santo Antônio era Fernando — Fernando Bulhões Martins, aparentado com Godofredo de Bulhões, chefe da Primeira Cruzada. O professor Oliva nos contou a história de Santo Antônio como oficial do nosso Exército. Recebia até soldo, pago pelo Tesouro Nacional. Mas um dia Dantas Barreto, ao apreciar o processo anual de pagamento desse soldo, com base em parecer jurídico oficial, pôs um despacho inexecutável, deixando Santo Antônio desde então de receber o que lhe era pago regularmente, há dezenas de anos.

#### *Santa do Pau Ôco*

Há no Museu bela imagem de N. S. da Assunção, toda trabalhada em madeira. Mede metro e meio de altura. Na base, em alto relevo, nuvens. De cada lado uma cabeça de anjo. Ao centro da base, entre, portanto, as duas cabeças, largo orifício de um palmo de diâmetro, a revelar que dali foi arrancada uma outra cabeça de anjo.

E o professor Menezes de Oliva nos esclarece:

— O professor José Mariano (filho) trouxe da Bahia essa imagem, obra de talha do século XVIII ou começo do

XIX. E' de N. S. da Assunção. Tem sua história, como vai ver :

Importadas de Lisboa, imagens como esta principiaram a aparecer na Bahia. Um dia se descobriu que eram ôcas. E quer ver? Pode meter o braço pelo orifício da base, e sua mão irá até lá em cima...

— Realmente.

— Mas, como estava dizendo, eram ôcas as imagens da santa, e isso começou a despertar curiosidade, até que uma vez se desvendou todo o segrêdo: as santas vinham de Lisboa recheadas de dinheiro... falso. Os Albino Mendes daquela época já sabiam "trabalhar" a capricho, como na verdade se pode inferir dessa esperteza. Tal mistificação, como deve saber, ficou consagrada no "folk-lore" brasileiro de forma pitoresca, com o nome de "santa do pau ôco", expressão de que nos servimos ainda hoje quando queremos dizer que uma pessoa é falsamente boa.

O professor Oliva parou aí, mas nós não paramos, e fomos descobrir, de sua autoria, esta quadra que aqui vai :

No seu carinho não creio  
Do seu amor faço pouco  
Para mim você não passa  
De "Santinha do Pau Ôco"...

*Interessa às moças casamenteiras...*

Uma vitrina cheia de imagens do Menino Jesus. Só duas vestidas de camisolinha. Observa o professor Oliva :

— Dizem que moça que fizer e vestir uma camisolinha destas no Menino Jesus casa logo.

— Mas aí só estão assim vestidas, o que naturalmente, revela que a "simpatia" não é muito eficiente...

— Talvez. Mas em compensação acreditam mais no furto do Menino Jesus dos braços de Santo Antônio, como tendo o mesmo efeito... casamenteiro.

— Por que?

— Não está vendo ali tôdas aquelas imagens de Santo Antônio? Já chegaram aqui sem o Menino Jesus... Também Santo Ambrósio é santo casamenteiro. Oração dêsse santo, rezada diante da imagem, dizem que é tiro e queda: enxoval, pretoria e igreja.

O professor faz uma pausa e nos solta mais esta, que não é anedota, pois se deu com êle mesmo ali no Museu :

— Uma vez explicava a um grupo de moças em visita a esta casa a virtude de Santo Ambrósio. Na ocasião em



*Sala General Osório, contendo relíquias dêsse grande soldado, doadas por sua família. No centro, o primitivo modelo de sua estátua eqüestre, feito por Bernardelli*

que o fazia passava por nós um casal elegante. A dama gostou e sorriu. Não se contendo, perguntou-me :

— Mas é mesmo ?

— E virando-se para o cavalheiro a seu lado, disse-lhe :

— Então, Almeida, vou rezar também e pedir a Santo Ambrósio que me ajude . . .

— Mas, venha cá, minha filha, seu marido não está aqui ?

— Está, mas eu posso ficar viúva . . .

#### SALA ARNALDO GUINLE

Como a anterior, a Sala Arnaldo Guinle é também de imagens e objetos religiosos.

O professor Menezes de Oliva nos chamou a atenção para o oratório que pertenceu ao padre Diogo Antônio Feijó.



Nossa Senhora da Assunção. Imagem de madeira do século XVIII. Obra de santieiros portugueses. Oferecida ao Museu pelo Dr. José Mariano Filho. Trata-se da "Santa do Pau Óco, a que fazemos referência no texto

Muito modesto, contém êsse oratório um crucifixo de madeira e uma imagem de N. S. das Dores, ambos de impressionante realidade pela angústia e a dor que deixam transparecer nos seus semblantes.

Já não é do mesmo apuro artístico — e muito longe disto ! — uma pintura a óleo existente num recanto da sala representando Madalena, perto da Cruz. Êsse quadro está assinado pelo grande poeta Castro Alves.

Sem que constitua irreverência de nossa parte, pesa-nos dizer que o pintor traiu os foros artísticos de grande poeta, pois a sua Madalena nos faz sorrir ante o descontrôle do gesto de aflição.

#### SALA MENDES CAMPOS

Nesta sala vamos encontrar a maior e mais bem cuidada coleção de objetos que se prendem à história do tráfico e da abolição da escravatura no Brasil. Temos aí desde os ferros para marcar escravos até as gargalheiras e os troncos. Acreditamos que qualquer museu da Europa desejaria possuir em seus mostruários muitas das peças expostas na "Sala Mendes Campos", tais como : um bridão espatulado, que se punha à boca dos escravos opilados para impedir que êstes comessem terra; uma pesada mordaca de ferro, que se adaptava à boca dos escravos para impedir que êstes escondessem pepitas de ouro, quando no trabalho de garimpagem; o "Viramundo", objeto de suplício tremendo, que prendia o escravo pelos pés e pelas mãos, conforme ainda hoje se pode ver em gravura de Debret, em seu livro "Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil"; etc.

Da alma ingênua do negro, que tantos serviços prestou à nossa terra, nas fazendas do sul, nos campos do norte e nas minas do interior, falam os rústicos instrumentos de que estão cheias as vitrines da "Sala Mendes Campos". Referimo-nos ao *caxambú*, tambor que ainda traz o lema:

"Viva o Brasil e todo o seu valor"

E viva o nosso Imperador !"

e aos pandeiros de pastorinhas, violas, tambores de cando blé da Bahia, etc.

Agora uma curiosidade que nada tem a ver com instrumentos de música dos negros, mas que lhes servia para acalantar os filhos na primeira idade : a mamadeira feita de pequena cabeça, de um *coité*.

#### SALA GETÚLIO VARGAS

Está em vias de ser inangurada a Sala Getúlio Vargas, em cujo centro se vê o busto em bronze do Presidente, trabalho do escultor Benevenuto Berna, encimado uma vitrine redonda, na qual estão expostos numerosos objetos oferecidos a S. Ex. durante as suas visitas à República do Prata.



*Sala Deodoro. Destinada às relíquias da República. Ao fundo, quadro de Helios Selinger representando o abraço das três raças para a formação do Brasil. Aos lados, bustos em bronze dos Presidentes da República*

Em vitrines laterais e em grande profusão, encontram-se numerosos objetos que têm sido oferecidos ao Presidente Vargas nas suas constantes visitas aos nossos Estados. Lá está, dentro de uma concha e esculpido em madrepérola, o perfil do Presidente, oferta de um filho do Amazonas.

Mais adiante vamos encontrar toda a atual Constituição, escrita em um simples cartão postal!

Não antecipamos com minúcias o que contém a "Sala Getúlio Vargas". Melhor será aguardar a sua inauguração. Podemos, entretanto, adiantar que os objetos oferecidos pelo Presidente Vargas ao Museu Histórico valem mais de um milhão de cruzeiros.

#### SALA GUILHERMINA GUINLE

É a sala das joias, relicário de arte dos ourives coloniais.

Um infeliz degredado da ilha de Fernando de Noronha ofereceu em 1884, à Imperatriz, colares feitos de buzios, delicado trabalho que só poderia ser executado por quem dispusesse mesmo de muito tempo e paciência.

#### *Balangandans*

Vários balangandans podem ser vistos na "Sala Guilhermina Guinle", a revelar o esplendor de outras épocas.

Em interessante trabalho publicado nos *Anais do Museu Histórico Nacional* (vol. II), o professor Menezes de Oliva classifica os balangandans em :

- a) devocionais;
- b) votivos;
- c) propiciatórios;
- d) evocativos;
- e) decorativos.

Na coleção existente na "Sala Guilhermina Guinle", podemos identificar cada uma dessas variedades de balangandans. O Sr. Menezes de Oliva na sua contribuição aos *Anais* vai longe. Vai longe e acaba por nos ensinar que se pode dizer : *balangandan, barangandan e berenguenden...*

Mas não fica aí e oferece-nos mais estes esclarecimentos :

"Basílio de Magalhães diz que existiu a forma *berenquendens*, transformada em *balangandans* aqui no sul. Com a diferença das primeiras vogais, e ao norte, e a ao sul, a setentrional está mais de acordo com a forma que dá ao referido substantivo africano o visconde de Beaupaire-Rohan, em seu *Discionário de vocábulos brasileiros*, página 14 : *Baranganhan*, s.m. (Bahia) — Coleção ornamentos de prata, que as crioulas trazem pendentos da cintura nos

dias de festa, principalmente na do Senhor do Bonfim". Manuel Quirino regista as formas *barangandan* ou *balançamçam*. O professor Artur Ramos colheu na Bahia a forma *balanbangam*".

#### *Leques e brocados*

Além de joias antigas, entre as quais se destacam as mineiras do século XVIII, medalhões, circundados de topázios e diamantes, anéis, botões de punho, lapiseiras, etc., há que ver na "Sala Guilhermina Guinle" leques e brocados, lenços bordados a mão, com fios de cabelo e outros trabalhos delicados, tudo, enfim, a desafiar-nos a curiosidade para um passado que, se vai longe, nós, entretanto, o sentimos bem perto através de nossa saúde.

E aqueles lenços bordados a mão fizeram-nos lembrar, naturalmente, da introdução do livro de Wanderley Pinho *Salões e Damas do Segundo Império*, quando o escritor nos diz "...um pedacito de galão de vestido que há muito não existe, um lenço que se apertou certo dia nas mãos frias e comovidas, umas luvas amarelecidas pelos anos"...

Bem, vamos prosseguir e deixemos de suspiros...

#### SALA CARLOS GOMES

Ainda no pavimento térreo, há outras salas do Museu, além das já descritas. Entre elas a "Carlos Gomes", constituída com todos os objetos recentemente doados à Casa do Brasil pela filha do grande músico brasileiro, D. Itala Gomes Vaz de Carvalho.

Numa vitrine vimos duas batutas de Carlos Gomes: uma de ouro e marfim e outra de ébano e ouro; as suas condecorações e a rede na qual o autor do *Guaraní* passou os últimos momentos de vida no Pará!

Numerosos são os quadros referentes à vida e à obra do grande brasileiro.

Em molduras lemos várias cartas autógrafas do compositor a vultos proeminentes das letras e da política do Brasil. Entre elas chamou-nos a atenção a que escreveu a Salvador de Mendonça, em 30 de agosto de 1876, e foi doada ao Museu por D. Alzira Vargas do Amaral Peixoto.

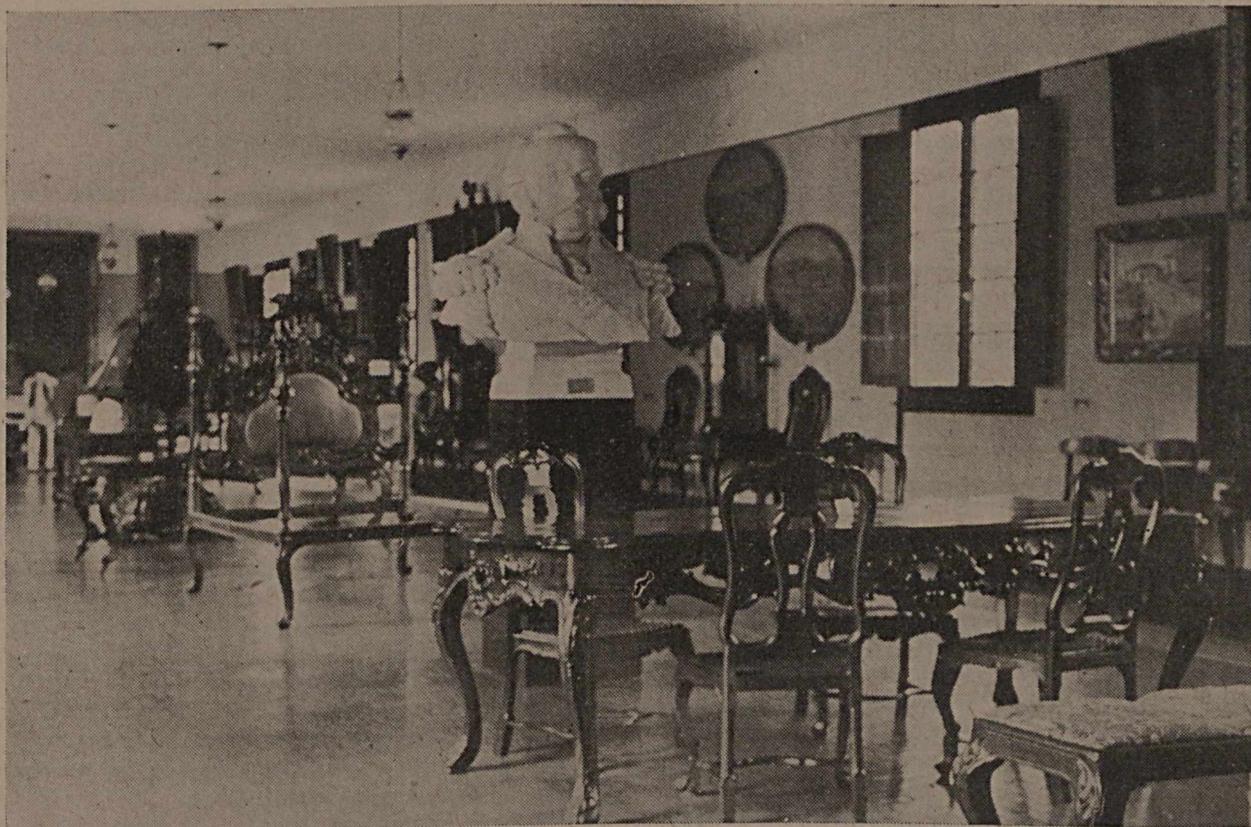
Aquí está um trecho dessa carta:

"Só agora posso responder à tua de 13 de julho, tendo estado sempre girando esta terra italiana para ensaiar o "Salvador Rosa" e o "Guaraní".

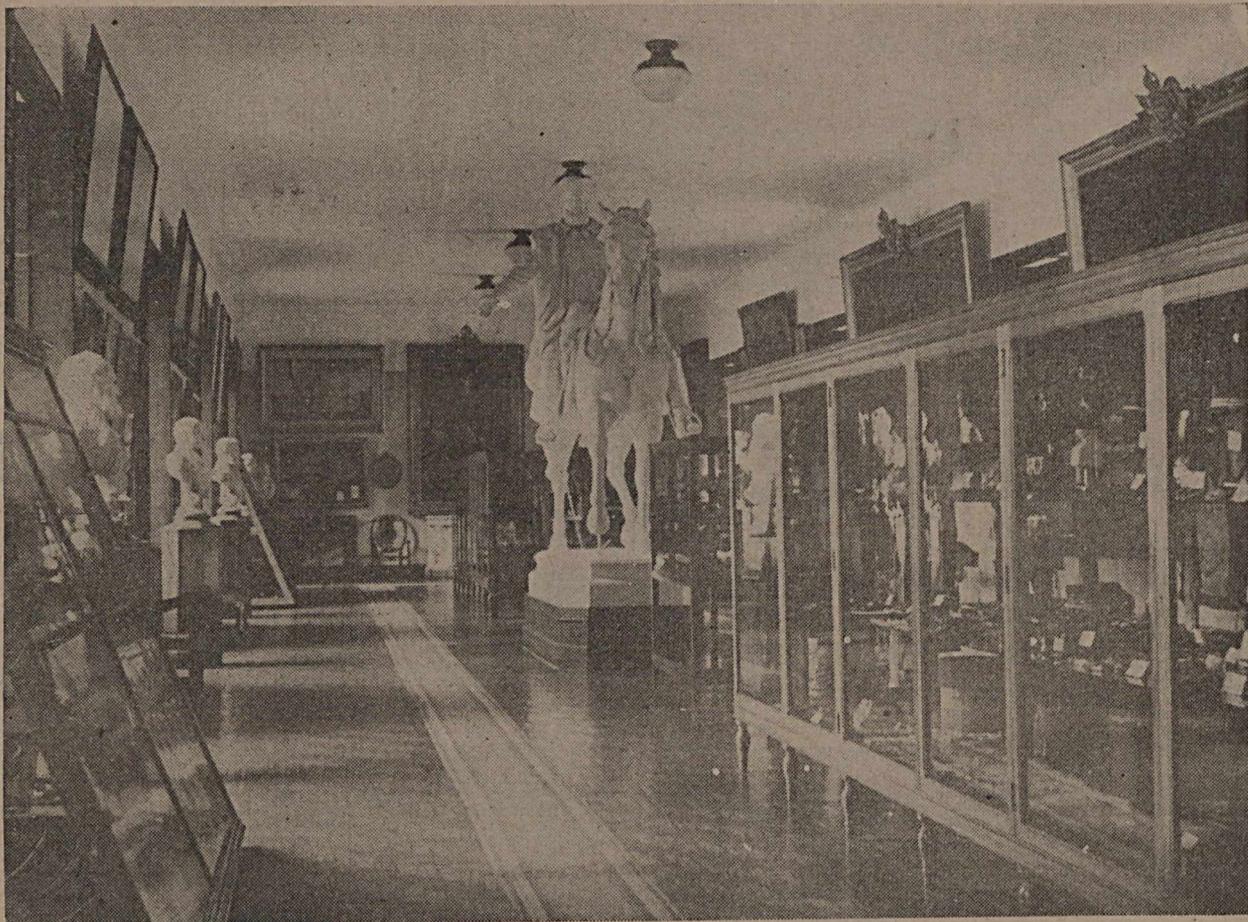
Mais adiante comenta Carlos Gomes:

"Fico ciente que entregaste os cem exemplares ao nosso Imperador, mas ignoro o destino que êle deu a êsse número de exemplares. Espero que não terá distribuído aos bombeiros da Exposição.

Ignoro também o destino que deram à partitura e partes de orquestra que são numerosas, ignoro também se os editores de Filadélfia e de Nova York têm



*Sala D. João VI, com sua riqueza de mobiliários históricos e de preciosidades do tempo do Brasil-colônia e do Brasil-reino. O busto do Rei, que se vê no primeiro plano, é da autoria de Rodolfo Bernardelli, que o legou por testamento ao Museu Histórico*



*Sala Duque de Caxias. Ao centro, modelo em gesso da estátua eqüestre de D. Pedro II no cêrco de Uruguaiana, feita por Chaves Pinheiro. O Imperador não consentiu na ereção dêsse monumento e, com o dinheiro para o mesmo angariado, fez construir no Largo do Machado o prédio da Escola José de Alencar*

o direito de imprimir no país agora, ou qualquer que apareça por lá sem dar contas a quem souo para compô-las! Em todo o caso, tenho a curiosidade de saber o destino da música que para lá mandei”.

Os cem exemplares acima referidos eram de um hino que Carlos Gomes compusera em Milão e que, segundo se infere da carta por êle escrita, obteve um grande sucesso.

Em quadros vimos figurinos executados pelo filho de Carlos Gomes, Carlos André Gomes, para as óperas de seu pai.

#### *Para ensaiar a ópera “Lo Schiavo”*

Pronta a ópera “Lo Schiavo”, Carlos Gomes procurou ensaiá-la no Rio de Janeiro. Faltavam-lhe os necessários recursos e pelo Imperador D. Pedro II foi aberta uma subscrição para êsse fim.

Agora fomos descobrir êsse precioso documento exposto num quadro na “Sala Carlos Gomes”. Em primeiro lugar está a assinatura de D. Pedro II, que, juntamente com a Imperatriz, abre a subscrição, assinando cada um a importância de 500\$0. Segue-se a assinatura de D. Pedro Augusto com 400\$0.

Vê-se assim o interêsse de D. Pedro II pelas artes, que procurava incentivar com recursos de seu próprio bolso.

#### SALA DOS OTONIS

Nesta sala estão reunidos objetos e retratos que pertenceram à família dos Otonis, doação em grande parte do saudável industrial Júlio Otoni.

Entre as preciosidades expostas se acham as seguintes : vistoso leque, comemorativo das bodas de ouro do conselheiro Cristiano Otoni e de sua espôsa, em 1887; anel oferecido pela Sra. Bárbara Otoni ao seu noivo Cristiano Otoni, então tenente da Armada em 1887; broche de esmalte, platina e brilhante, com o retrato do conselheiro Cristiano Otoni; chave da casa dos Otoni em Serro, Minas (de 1800 a 1918); pequena cômoda, que pertenceu à D. Rosalina Otoni, mãe do conselheiro Cristiano Otoni, etc.

Documento interessante está aí guardado : o original da famosa autobiografia de Cristiano Otoni, com esta recomendação : “Ninguém tem o direito de ler êste livro senão depois de minha morte”.

E com esta sala encerramos nossa reportagem do pavimento térreo do Museu Histórico. E o leitor tenha paciência, ainda falta o 1.º andar. Depois, se não estiver muito cansado, podemos levá-lo ao 2.º e... último.

## SALA GENERAL OSÓRIO

Começamos a visitar as dependências do Museu Histórico, no primeiro andar, pela "Sala General Osório". Procuraremos ser mais breve em nossas notas, senão a *Revista do Serviço Público* ficará *abafada* com a reportagem... No centro da sala vê-se a maquete do monumento erguido ao Marquês do Herval na Praça 15 de Novembro, nesta Capital. Observamos-lhe uma diferença: Osório, na maquete está de botas e na estátua não tem botas. Por que? Como era natural indagamos do professor Menezes de Oliva a razão de ser desta diferença e a sua resposta não se fez esperar:

— Osório depois da proclamação ao 1.º Corpo do Exército Brasileiro, a 15 de abril de 1866, acampado na margem esquerda do Passo da Pátria, ordenou a passagem do rio Paraná. Deu todas as providências. Ele havia prometido ser o primeiro a pôr o pé no território inimigo. E assim sucedeu. Travam-se logo os primeiros tiroteios. Patrulhas volantes do inimigo atacam os brasileiros. E o dia se passa e chega a noite, que se escoia também em contínuos alertas e sobressaltos. Pela manhã de 17 trava-se a grande pelêja. Combate-se de verdade, com grande entusiasmo, de parte a parte. Mas, choveu sempre durante todo esse tempo. Montado, dirigindo o desenrolar dos acontecimentos, Osório só descansa quando o Ditador e o General Resquin, com o grosso do exército paraguaio, retiram-se do Passo da Pátria. Quando, depois de tantas horas, deixando a montaria, quer descalçar as botas encharcadas d'água, vê que tal cousa não lhe é possível fazer. As pernas incharam. Ordena, então, que o seu bagageiro as corte à navalha. Livre dos grilhões das botas, sente as pernas turgidas, quer levantar-se e encontra dificuldades. Manda chamar o médico de campanha. Quer uma medicação que o integre na posse de todos seus movimentos. O médico pensa, reflete e acha — era a medicina do tempo! — que o remédio indicado seria a aplicação de duas bichas na parte posterior das pernas. E da aplicação dessas duas sanguessugas resultaram feridas que nunca mais sararam. Osório nunca mais pôde calçar botas, nem mesmo na sua estância. Tendo conhecimento desse fato por intermédio da filha do grande cabo de guerra, Bernardelli resolveu tirar as botas de Osório — como um símbolo, — afim de nos recordar sempre o grande sacrifício que havia feito pela Pátria.

O professor Menezes de Oliva conseguiu assim, rapidamente, nos pôr a corrente de um fato histórico, que ignorávamos, e de uma homenagem feita a Osório por Bernardelli, que soube, destarte, deixar perenemente rememorado tão lindo episódio.

E, de caderno em punho, sempre a tomar notas, passamos em seguida à sala imediata, depois de apreciar numerosos objetos expostos na Sala General Osório e todos ligados à vida do herói brasileiro.

## SALA D. PEDRO II

A "Sala D. Pedro II" é uma das mais interessantes do Museu. Pode ser considerada como o catálogo vivo da história social do Segundo Império, oferecida à leitura e à interpretação através de numerosos objetos, que são como

páginas de um grande livro, que se lê com agrado e sem cansaíra. E o interesse que realmente desperta ao visitante é natural, sobretudo se êle é dado à leitura da vida social e elegante de outros tempos, sentindo, como toda gente, a pobreza de "memórias" em nossa literatura.

O Museu Histórico Nacional é, todo êle, não só quanto à parte social, como à histórica no que diz respeito à política, à administração, desde o Brasil-Colônia, até aos nossos dias, autêntico livro de memórias, que se lê, é verdade, de outra maneira: mais com o coração do que com os olhos. E, assim, um mundo de coisas e episódios de outros tempos saem das brumas do passado, recompõem-se, movimentam-se e vêm se aproximando de nós suavemente, como certas cenas na tela cinematográfica... A questão está em se ter imaginação suficiente e conhecimento de pormenores que bastem a lhes dar vida e alma... Sem dúvida, bem mais fácil é essa reconstituição no cinema, onde o esforço de contemplar as cenas vividas na tela custa muito pouco: basta olhá-las.

Wanderley Pinho soube dizer com delicadeza e finura, na introdução de "Salões e Damas do Segundo Império", como pequenos *nadas* nos fazem muitas vezes pensar e lembrar cenas que já supúnhamos inteiramente esquecidas. Aquí está este trecho do prefácio, que consideramos verdadeira joia literária:

"Este volume pretende ser como o abrir de um cofrezinho de tartaruga, em que se guardam algumas cartas, as flôres murchas de recordação de um baile, uns daguerreotipos esmaecidos, um pedacito de galão de vestido que há muito não existe, um lenço que se apertou certo dia nas mãos frias e comovidas, umas luvas amarelecidas pelos anos".

Não serão muitas, mas acreditamos que algumas senhoras de nossa sociedade, que na juventude ainda alcançaram os bailes faustosos do segundo Império, hão de sentir certa emoção diante de certas vitrines da "Sala D. Pedro II", como aquela que contém o vestido e o manto da baroneza de Loreto, dama da princeza Isabel, e que foram oferecidos ao Museu por sua irmã, D. Argemira de Paranaguá Moniz. O manto é todo bordado a ouro, e o vestido a prata.

Numa outra vitrine, ao centro da sala, encontram-se tabaqueiras e relógios de bolso, e as etiquetas nos dão os nomes de seus antigos possuidores: D. Pedro II, o barão do Rio Bonito, o visconde de Abaeté, o conselheiro José Liberato Barroso, o general Bento Manuel, o visconde do Rio Branco, Manuel Felício de Sousa e Melo e D. Rafaela Pinto Bandeira, espôsa do brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, que, vencendo D. Juan José de Vertiz y Salcedo na Coxilha do Ataque, completou a expulsão dos espanhóis daquela parte meridional e foi, sem dúvida, o fundador da pátria rio-grandense. Essa caixa foi ofertada ao Museu por D. Maria Josefa Barcelos de Lemos.

Divisamos entre esses objetos um minúsculo anel-relógio, que nos surpreendeu pelo tamanho do mostrador, de menos de um centímetro de diâmetro. Vê-se, assim, que não constituem novidade os pequenos relógios-pulseiras das "granfinas" de nossos dias...

## SALA D. PEDRO I

A "Sala D. Pedro I", como a anterior, é também rica de objetos que pertenceram ao monarca e a titulares e damas elegantes de seu tempo.

Numa vitrine, no fim da sala, vimos belos leques. Um de madrepérola e papel pintado a mão, com motivos maçônicos; outro, de varetas de bronze e esmalte, comemorativo da organização política do Império (1824) e, finalmente, o terceiro, comemorativo da Independência do Brasil.

No meio daquelas preciosidades, esta outra: uma caixinha contendo um anel dos louros cabelos de D. Pedro I, cortados ao imperador pela imperatriz dona Amélia, em 23 de setembro de 1834, quando faleceu o monarca no palácio de Queluz, em Lisboa, aliás, no mesmo local em que nasceu. D. Amélia ofereceu esse anel de cabelos ao duque de Saldanha, companheiro de seu imperial esposo no cerco do Pôrto. Essa delicada relíquia foi adquirida em Londres, em um leilão dos bens do duque de Saldanha, pelo barão de Penedo, ministro do Brasil na Inglaterra.

Um medalhão-estopo, que pertenceu a D. Pedro I, contém toda a Constituição de 1824, impressa em pequenos círculos de papel, de quatro ou cinco centímetros de diâmetro, os quais fazem lembrar as etiquetas comuns apostas em vidros de remédio. E olhem que são, ao todo, 108 artigos! Acham-se contidos, apenas, em 25 rodelinhas de papel. No verso do medalhão, vê-se a efígie de D. Pedro I, trabalho de A. Fauginet, e no reverso, entre fôlhas de fumo e café, a legenda: "Constituição do Brasil de 1824".

Ao lado do medalhão-estopo que contém a Constituição de 1824, encontra-se uma caixa de tartaruga, com guarnição de bronze, tendo no tampo o retrato em miniatura de D. Maria II, filha de D. Pedro I, e que, brasileira de nascimento, governou Portugal de 1834 a 1853.

Na mesma vitrine, vê-se belo sinete que pertenceu a D. Pedro I, constituído de uma linda turmalina azul e no qual se acha esculpida a legenda: "Independência ou Morte!" E ao lado do sinete, lembrando a famosa Domitila, um broche de ouro com o retrato, em miniatura, da Marquesa de Santos. Há também nessa vitrina uma interessante medalha, em forma de coração, que pertenceu à mesma titular, tendo no verso o escudo, em forma de lisonja, com as armas dos Canto e Castro.

Além de joias, há esta outra preciosidade na sala "D. Pedro I" e que nos despertou a atenção: um fragmento de mosaico bizantino, do zimbório da basílica de Santa Sofia, em Constantinopla. Pertenceu à casa imperial do Brasil. Acredita-se que esse fragmento tenha sido trazido por D. Pedro II, quando de sua viagem ao Oriente, em 1876.

A basílica de Santa Sofia foi construída por Justiniano, imperador bizantino, que, ao inaugurá-la, teve esta frase: "Glória a Deus, que me julgou digno de inaugurar tão grande obra".

O professor Menezes de Oliva esclareceu-nos ainda:

— Em 1453, porém, quando os turcos, comandados por Mahomet II, tomaram Constantinopla, transformaram a basílica em mesquita, acrescentando-lhe os minaretes, que ainda hoje nela existem. Nesse mesmo dia, da tomada de Constantinopla, Mahomet subiu a cavalo as escadarias da basílica de Santa Sofia, e escreveu em suas paredes esta frase: "Allah é Deus e Mahomet o seu profeta". E Mahomet, quando fez isso, ainda estava com as mãos sujas de sangue da luta em que se empenhara contra os guerreiros de Constantino XIII ou Constantino Dragases, último imperador de Bisâncio, encontrado entre os mortos dessa peleja.

#### SALA D. JOÃO VI

Quando entramos nesta sala, disse-nos o professor Menezes de Oliva:

— E' a minha sala predileta. Observe como é das mais harmoniosas e bonitas do Museu.

Realmente. Até então havíamos gostado mais da "Sala dos Vice-Reis", muito clara, muito vistosa, muito atraente. Mas a Sala D. João VI, guarnecida de preciosos móveis antigos de jacarandá, expostos com muito bom gosto, é toda ela distinta, nobre, discreta, dessa distinção de suave encanto em que a simplicidade domina em tudo.

— Este leito, estilo D. João V, pertenceu ao barão de Capanema, que assim nos deixou prova magnífica do seu bom gosto.

E vimos em seguida o banco da sala nobre da antiga Casa dos Contos, de Ouro Preto, no qual se sentaram os inconfidentes de 1789; o catre de oito pernas, com o braço da Ordem do Carmo, sobre o qual se deitava o Senhor Morto na Bahia ou em Pernambuco; a mobília de sala de jantar de D. João VI no solar da ilha de Paquetá; uma bela mesa de jantar, esculpurada e vasada, de sala nobre do Segundo Reinado; cadeira de grande espaldar do antigo Conselho da Fazenda, armário de jacarandá, de prateleiras, com duas gavetas de segrêdo, tipicamente de influência holandesa; oratórios de jacarandá do início do século XVIII, etc.

Na parede chama logo a atenção um quadro a óleo do Romano (Antônio Dias de Oliveira), no qual se vê D. João VI de mão entrelaçada com a rainha Carlota Joaquina. E só em ver tal ternura — e logo com quem: com Carlota Joaquina! — o observador do trabalho do Romano não pode deixar de esboçar cético sorriso de tão suposta felicidade...

Seis medalhões com aspectos do Rio colonial, óleo de autor desconhecido, e aos quais se referiu em colaboração oferecida ao I vol. dos Anais do Museu Histórico o professor Menezes de Oliva; um retrato de D. Luís de Vasconcelos, de Leandro Joaquim.

A tela mais bonita da "Sala D. João VI" é sem dúvida um retrato de Fernando VII, irmão de Carlota Joaquina, atribuído ao grande Goya. Não se pode afirmar que esse quadro seja realmente um Goya legítimo. Entretanto, é trabalho admirável, qualquer que tenha sido o pintor. A figura de Fernando VII se destaca do centro da tela e parece vir ao nosso encontro. Que expressão magnífica a de seus olhos! Tem a malícia característica dos Habsburgos.

Outro quadro muito bom: a partida de D. João VI para o Brasil — grande tela de De La Riva.

Presciliano Silva, o nosso soberbo Presciliano, ofereceu-nos um quadro admirável, de pintura moderna, "Ex-Voto Bandeirantes baianos", na Capela da Sé, na Bahia.

"O Sonho do Paraguassú", de Angelo Romão, artista baiano, é outro quadro interessante.

Voltando aos móveis: na "Sala D. João VI" podem ser vistas as cadeiras de arruar. Uma delas, estilo D. João V, foi oferta do Dr. Carlos Guinle. E' uma verdadeira joia!

Outra, estilo D. José, ali exposta pelo Dr. Rodolfo de Siqueira, também muito interessante. Os varais dessas

duas cadeiras terminam por uma cabeça de serpente. Daí, por analogia, serem chamados *serpentinhas*.

#### Tiradentes

Em relação a Tiradentes, o Museu tem uma série de objetos que relembram a figura do grande patriota.

A iconografia de Tiradentes está a pedir aos nossos estudiosos um estudo especial, através das telas e retratos existentes no Museu Histórico, pois aí o encontramos na tela de Wash Rodrigues inteiramente imberbe, com o olhar sonhador de um girondino, e barbado como um *poilu*, no quadro de Pedro Bruno — “A vestimenta d'alva”.

Há ainda um autógrafa de Tiradentes e outro de Silvério dos Reis, que acrescentou ao nome mais o sobrenome *Montenegro*, para “camouflar” assim a hediondez de seu ato delatando os inconfidentes de 1789.

Ainda com referência a Tiradentes, há em certo recanto do Museu duas grandes traves da força de seu sacrifício. Eram ao todo cinco, mas três foram cedidas ao Museu dos Inconfidentes, em Minas.

#### SALA DUQUE DE CAXIAS

E' a sala dos trofeus de guerra do Brasil.

Tôdas as suas vitrines se achavam abertas para limpeza. Fardões e outras peças de tecido eram levadas ao sol para arejar um pouco. Porque no Museu Histórico é assim: não se deixa mofar nada, e tudo que sofre a ação destruidora do tempo procura-se preservar de estrago. Pena é que não possamos reproduzir aqui, da forma viva por que o fez, uma verdadeira lição do Dr. Gustavo Barroso no dia da visita do funcionários do D.A.S.P. ao Museu e durante a qual teve ensêjo de referir-se à dificuldade que há na conservação das bandeiras e das peças de indumentária antiga de nossos antepassados. Mostrou como hoje na Europa já se cuida do problema com a adoção de medidas capazes de dar-lhe quase solução satisfatória. Entre nós, entretanto, os recursos de que dispomos são falhos e precários. E arrematou:

— E é uma pena! De vez em quando somos levados a queimar restos de bandeiras, apodrecidas pela ação destruidora do tempo e nas quais nem se pode tocar de leve, pois que se esfrelam e se transformam em pó, ao menor contacto.

— Cuidado com êsses cartões! Muito cuidado!

O professor Menezes de Oliva, a nosso lado, adverte os empregados que fazem a limpeza das vitrines do inconveniente de trocar os cartões-etiquetas dos objetos expostos.

— Espere um pouco, Ribeiro, vou ver se já houve qualquer engano dos empregados.

E pouco depois voltava dos fundos da “Sala Caxias” o professor. Pela fisionomia percebemos-lhe a satisfação do resultado da inspeção.

— Tudo felizmente bem. Êsses rapazes já têm bastante prática do serviço e dificilmente se enganam. Mas não custa adverti-los amiúde do inconveniente de uma distração. E' por isso que sempre digo que numa casa como esta os servidores devem ser *especializados* na tarefa que lhes cabe, desde os simples serventes, carpinteiros, etc., até aos funcionários graduados. E aqui vivemos todos como

numa grande escola: trabalhando, aprendendo e ensinando.

#### E o velhinho não apareceu mais...

Ribeiro, venha cá! Vou lhe mostrar a maior preciosidade da “Sala Duque de Caxias”.

E diante de grande quadro, no qual se acha exposta velha bandeira nacional, o professor Menezes de Oliva nos diz:

— E' um trofeu da guerra do Paraguai. Esta é a bandeira que tremulava no vapor *Marquês de Olinda*, ao ser capturado pelos paraguaios quando levava para Mato Grosso o governador Carneiro de Campos. Ela foi trazida do Paraguai pelo bravo tenente Fidêncio Lemos do Prado que, durante alguns anos, a 5 de janeiro aparecia aqui, vinha direito à “Sala Duque de Caxias”, sem se preocupar com o resto do Museu, e diante desta bandeira fazia alto, como a perfilar-se. Permanecia silencioso por algum tempo e depois quedava-se ao lado do quadro, em atitude vigilante de guarda...

— Como era o homem?

— Um velhinho esganiçado, de cavanhaque branco numa cara morena, angulosa, como se feita a canivete. Infundia respeito e simpatia. Mas, como estava dizendo, permanecia atento no seu pôsto improvisado. Uma vez, pude surpreendê-lo a falar a outro visitante assim:

— Faz favor! Olhe bem para esta bandeira! Ela já foi o meu Brasil distante, lá no Paraguai. Mas que dia bonito aquele! O meu batalhão entrou na capital a 5 de janeiro de 1869 e com meus soldados fui direto ao palácio de Solano Lopez, que invadimos em tropel, com vontade mesmo de ver de perto a toca do homem. Já tínhamos ganho a guerra, isso não havia dúvida, mas a entrada em Assunção e a tomada do palácio de Solano Lopez eram a melhor confirmação da nossa vitória! E que alegria! Pois bem, moço, quando entrei no gabinete em que o ditador paraguaio trabalhava, vi debaixo de sua mesa, servindo-lhe de tapete e tôda pisada e suja de terra, a nossa bandeira, a bandeira do Brasil, esta bandeira que aí está! Num salto, apanhei-a do chão e, levando-a contra o peito, metia-a debaixo da farda, para senti-la mais de perto; para sentir o meu Brasil distante palpitar dentro de mim!

E o professor Menezes de Oliva, ao terminar, nos pareceu meio cansado, a partilhar, sem dúvida, da alegria comovida do velhinho da guerra do Paraguai.

#### Trofeus de guerra e outras preciosidades

Posseguimos em seguida na visita à “Sala Duque de Caxias”, passando revista a trofeus de guerra os mais curiosos e a objetos de uso de Caxias e outros generais.

De Caxias: duas espadas, o seu revólver de campanha, a sua chícara de prata de uso freqüente e um par de estribos.

Do visconde de Taunay, o herói da retirada da Laguna: a espada, as dragonas, a farda e o chapéu armado.

De Solano Lopez: o seu relógio de bolso, a sua espada, a mesa de trabalho, na qual teria assinado grande parte

de atos referentes à guerra do Paraguai; o robe de chambre, que não chegou a usar, pois foi presa do Regimento de San Martin, e oferecido pelo seu comandante, general Vedia, ao visconde do Rio Branco, que, por sua vez, o ofertou ao barão de Cotegipe, em 1870.

Tambores da batalha de Caseros.

Valiosa e artística coroa de ouro oferecida pela guarnição de Pernambuco ao barão de S. Borja.

O ponche e a espada de uso de campanha de D. Pedro II na rendição de Uruguiana.

O poncho, furado de balas, usado pelo Conde d'Eu na guerra do Paraguai.

Há na sala Duque de Caxias uma vitrine maravilhosa com os sabres usados pelos nossos grandes cabos de guerra.

#### SALA DA REPÚBLICA

Na "Sala da República" vamos deixando o passado distante para trás. E' um *ontem* tão perto que chega a ser hoje e é hoje também, pois lá se encontram retratos dos próceres da República, lembranças de conflitos e revoluções, desde as revoltas de 1893, do Contestado, até a revolução de 1932.

Lá vimos todos os objetos doados pelo Presidente da República ao Museu e que irão constituir a "Sala Getúlio Vargas", da qual já tratamos muito ligeiramente.

O punhal de Manso de Paiva e a sua bainha de couro, com o nome do assassino de Pinheiro Machado, fazem-nos lembrar o crime da porta do Hotel dos Estrangeiros, que tanto abalou o Rio de Janeiro e todo o Brasil. Junto da arma terrível está o suspensório de Pinheiro Machado ainda manchado de sangue e com vestígios do corte da arma.

#### Primeiras demonstrações de nossa aviação

Aí está uma vitrine simpática: a que guarda objetos ligados aos primórdios da nossa aviação. Nela podem ser vistos:

Fragmentos do dirigível *Pax*, no qual Augusto Severo pereceu na manhã de 12 de maio de 1902, na avenida do Maine, em Paris. A máscara em gesso do aviador, tirada logo em seguida à sua morte.

O binóculo do aviador Newton Braga na travessia aérea do Atlântico, no *Jaú*.

De Santos Dumont quase nada: apenas o seu autógrafo, a lapis, em um cartão. Só isto!

Merece registo especial: o escudo das quinas superposto à Cruz de Cristo com que os aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho assinalaram a sua passagem pelos rochedos de S. Pedro e S. Paulo na primeira travessia aérea do Atlântico Sul.

O referido escudo foi retirado dali pela oficialidade do *tender Belmonte*, que o remeteu ao Museu Histórico.

#### Outros objetos

Calendário azteca, oferecido pelo Presidente do México, general Manoel Ávila Camacho, ao Presidente Vargas.

Vários objetos que pertenceram a Osvaldo Cruz, entre os quais o seu chapéu Chile, caderninho de notas quando

o sábio brasileiro era ainda estudante de medicina, frascos de perfumes e um crucifixo.

#### Um quadro representando a morte de Rio Branco

Não compreendemos aquela diferença: num quadro a óleo, de autoria do pintor De Servi, vê-se a cena dos últimos momentos do barão do Rio Branco, no Palácio Itamarati.

Em baixo desse quadro, outro — e este uma fotografia do quadro acima, oferta do pintor De Servi a Pinheiro Machado. Nesta fotografia, porém, vê-se a figura do marechal Hermes perto da cama de Rio Branco e, no entanto, no quadro original, em cima, o marechal foi substituído por um padre.

Não há dúvida de que depois que o quadro a óleo ficou concluído e até fotografado, foi o pintor levado a fazer-lhe aquela alteração. O motivo desta é que não foi explicado...

#### SALA DEODORO

Pode considerar-se esta sala como continuação da anterior, a da "República".

Guarda ela uma coleção de bustos em bronze de todos os presidentes da República e, numa vitrine, objetos que se ligam à vida política de cada um deles, notadamente de Deodoro e Floriano.

A espada que Deodoro usou no dia da proclamação da República, a 15 de novembro de 1889; as suas condecorações e medalhas militares, o seu chapéu armado, bandas e talins e também objetos de uso pessoal do generalíssimo podem ser admirados pelos visitantes do Museu. Até os chinélos de Deodoro, roupão e pijama, de uso nos seus últimos momentos de vida, se acham expostos ali.

Num quadrinho se vê o seguinte despacho do próprio punho de Deodoro à proposta da criação de nova bandeira nacional: "A Bandeira Nacional já tão conhecida e reconhecida bela, continua, substituindo-se a coroa sob o escudo pelo Cruzeiro".

Num outro quadro e também do próprio punho de Deodoro a nomeação de seus primeiros ministros:

Interior e interinamente da Instrução Pública, Correios e Telégrafos — Dr. João Barbalho Uchoa Cavalcanti.

Agricultura e interinamente da Justiça — Barão de Lucena.

Fazenda e interinamente das Relações Exteriores — Tristão de Alencar Araripe.

Guerra — General de Divisão Antônio Nicolau Falcão da Frota.

Marinha — Contra-almirante Fortunato Foster Vidal.

Esses decretos foram lavrados a 22 de janeiro de 1892.

De Floriano há o revólver, taucheadado de ouro, chapéu armado, bandas, salteiras e ainda a bandeira nacional que lhe cobriu o caixão no dia do enterro.

No fundo da sala, como se fôsse grande balcão estilizado, a longa mesa na qual foi assinada a Constituição de 1891 e a urna em que se procedeu à eleição do primeiro governo constitucional da República.

Há também na "Sala Deodoro" várias lembranças do Clubê Republicano Tiradentes.

A SECÇÃO DE NUMISMÁTICA, SIGILOGRAFIA E  
FILATELIA

A Secção de Numismática, Sigilografia e Filatelia compreende as Salas "Zeferino de Oliveira", "Guilherme Guinle" e "Sotto Mayor" e ainda duas casas-fortes com coleções de moedas estrangeiras, medalhas e condecorações.

E' chefe da importante secção o professor Edgar de Araújo Romero, que antes da criação do Museu Histórico Nacional chefiava a extinta Secção de Moedas e Medalhas da Biblioteca Nacional, cujo acervo foi todo transferido para a Casa do Brasil.

Espanta a riqueza das três salas que percorremos da Secção de Numismática!

O professor Romero disse-nos que, se houvesse espaço, teria peças para expor em dez salas.

— Mas tudo isso veio da Biblioteca Nacional?

— Não. Aquí continuamos a enriquecer nossa coleção com compras, doações que nos são feitas e permutas. Depois, se o senhor achar conveniente, pode inserir em sua reportagem o movimento dessas operações relativo a 1942 e 1943. Por êle é fácil julgar, até certo ponto, do trabalho da Secção, sob vários aspectos.

Agora passemos a registrar, de forma bem reduzida, o que vimos na Secção de Numismática.

Já estamos com pena do leitor...

O professor Romero e o conservador de museus, senhora Iolanda Marcondes Portugal, dispuseram-se, com muita boa vontade, a orientar-nos na revista que íamos fazer aos mostruários da secção.

Começamos então pela

## SALA ZEFERINO DE OLIVEIRA

Nesta sala se acha o mostruário de medalhas e condecorações do Brasil.

Ao fundo, vê-se, à parede, a efígie do comendador Zeferino de Oliveira em medalhão de bronze.

Há ainda outros medalhões e êstes em gesso; de: D. Pedro II e D. Teresa Cristina, em bustos conjugados, de autoria de Carlos Luster; Princesas Leopoldina e Isabel; Daniel Henninger, Orville Derby e Augusto Severo, trabalhos de Rodolfo Bernardelli.

O professor Romero adverte-nos:

— Como vê, o busto de Augusto Severo está bem de frente do mostruário das medalhas relativas à aeronáutica e, entre estas, a comemorativa da ascensão do *Pax*, em Paris, a 12 de maio de 1902. Por sinal — acrescenta — que há um erro nessa medalha. Se quiser tomar nota, é interessante:

"À la mémoire de Severo d'Albuquerque Maranhas (sic)  
la colonie brésilienne  
de Paris — 1902"

— Mas como é que deixaram ficar *Maranhãs* por *Maranhão*?

— Não sei.

Há outras medalhas comemorativas de feitos na aeronáutica e sôbre: Sacadura Cabral e Gago Coutinho, Ramon

Franco, João Ribeiro de Barros, Ítalo Balbo; a primeira travessia do Atlântico pelo Graff Zeppelin em 1930; a primeira ascensão aeronáutica em Portugal por Bartolomeu de Gusmão. A medalha é de 1936 e se refere ao 227.º aniversário desse feito.

Passemos em seguida a fixar algumas das medalhas comemorativas de outros acontecimentos:

*Escravidura no Brasil* — A coleção é muito bonita e constitue verdadeiro histórico da extinção da escravidura, desde a supressão do tráfico até à assinatura da Lei Áurea.

*Relações Internacionais* — Registam visitas ilustres, congressos, conferências, tratados, etc. A projetada visita ao Brasil por D. Carlos I, de Portugal, que foi assassinado antes de realizá-la, também está lá.

*Ciências e letras* — Extensa é esta coleção. Os nossos cultores de belas letras gostariam, sem dúvida, de admirá-la.

*Belas-artes* — Muito vistosa. Na música, registamos Carlos Gomes, Elpídio Pereira, Francisco Braga, Chiafietti, Henrique Osvaldo, etc. Também vários músicos e compositores dos Estados são assim lembrados.

*Instrução* — Colégios antigos do Rio, e nos quais tantas gerações se educaram e instruíram, figuram com seus nomes em medalhas comemorativas e de prêmio a seus alunos mais estudiosos.

Encontram-se lá três do extinto Externato Aquino, que o saúdoso professor João Pedro de Aquino dirigiu por muitos anos e no qual ensinavam Teófilo das Neves, Pacheco Leão, Teófilo de Almeida Tôrres, Carlos de Laet, Joaquim Mafra de Laet, Gastão Ruch, vice-almirante Pedro Cavalcanti de Albuquerque, Leão de Aquino, Rafael Janes — o boníssimo Janes, que substituíra qualquer dos professores na falta destes, Lima e Silva, Fortunato Duarte, Heitor Bustamante, etc.

O professor Romero lembrou o tempo em que foi aluno do Externato Aquino e, como também o fomos, bem sentimos a mesma satisfação ao ver a medalha "Prêmio Conselheiro Pitanga", que no tradicional colégio era conferido aos alunos mais distintos. E uma vez a conquistou o nosso saúdoso e querido José Silvino Pitanga de Almeida — grande inteligência e boníssimo caráter — que deixou tantas saúdades entre os seus antigos companheiros.

O professor Francisco Venâncio Filho é desse tempo e foi um dos mais distintos alunos do velho Aquino.

Além do Externato Aquino há êstes outros colégios registados em medalhas: Abílio, Pinheiro, Menezes Vieira, Campos Pôrto, Felipe Nerí, Sacré Coeur (da Tijuca), Salesianos, Diocesano de S. José, etc., desta capital, e Anchieta, Itú, Caraca e outros, dos Estados.

*Fundações e inaugurações de obras públicas* — Há medalhas sôbre a fundação de Ubatuba (3.º centenário em 1937), Iguape (4.º centenário), Campos (1.º centenário), Angra dos Reis (4.º centenário em 1932), Colonização do Brasil em S. Vicente (4.º centenário), fundação de Olanda (4.º centenário), etc.

Agora, de inaugurações diversas: Estádio Municipal de S. Paulo, no Pacaembú, em 1940; palácio do Ministério da Fazenda, na esplanada do Castelo, em novembro de 1943; Avenida Rio Branco em 1906; avenida Getúlio Vargas em novembro de 1943; da E. F. D. Pedro II (meio centenário

rio do seu primeiro trecho construído em 1858 até Queimados); início da linha S. Francisco, da E. F. S. Paulo-Rio Grande em 1904; Estrada de Ferro Terezópolis em 1908; E. F. Paraná (meio centenário); avenida Tijuca, construída de 1938 a 1940, etc., etc.

*Viagens e descobrimentos* — Medalhas sobre os feitos de Colombo, Vespúcio e Cabral.

*Comércio e Indústria* — Centenário da Mina do Morro Velho, em 1930, da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, em 1943, e da corporação dos ourives.

*Exposições municipais, estaduais, nacionais, internacionais e estrangeiras* — As medalhas mais bonitas são as referentes a exposições. O leitor vai verificar que antigamente havia mais exposições no Brasil pelo registo destas medalhas e comemorativas das seguintes:

Nacionais de 1861, 1866, 1873, 1875, 1908 e 1922 (que foi também internacional).

A primeira de floricultura, em 1871, aqui no Rio. Feiras de Fruticultura no Rio, em 1911 e 1917. A do café, 2.º centenário no Brasil, em 1927. Filatélica, em 1934. Quanto aos Estados, houve exposições nos seguintes: Pará, em 1879 e 1895; Maranhão, em 1871; Pernambuco, em 1866, 1872, 1875, 1911, 1917 e 1922.

Exposições internacionais a que o Brasil compareceu: Filadélfia (1876), Nova York (1853), Londres (1862), Pôrto (1865), Paris (1867), Berlim (1869), Hamburgo (1869) (esta foi de floricultura), Viena (1873), Chile (1875), Buenos Aires (1872), Amsterdam (1883), Anvers (1885) e Paris (1889).

Exposições internacionais realizadas no Rio de Janeiro em 1894, 1903 (aparelhos de álcool), 1909 e 1922 (de higiene, indústria geral e indústria pastoril).

*Filantropia* — Há medalhas diversas comemorativas da fundação de instituições filantrópicas e também algumas que fazem recordar a epidemia de Campinas, em 1889. Cada médico e farmacêutico que trabalhou em benefício da população local é lembrado em medalha à parte.

*Religião* — Há cerca de quatro mil medalhas religiosas na Sala "Zeferino de Oliveira". São comemorativas de centenários de templos, jubileus de prelados, devocionais (a maioria) e muitas outras.

*Maçonaria* — E' um mundo a coleção de medalhas e insígnias maçônicas! Vistosos fitões, com medalhas pendentes, de vários graus, dão alegre aspecto ao mostruário. Vimos ali belo avental de mestre maçõn, do rito de York, todo bordado a prata.

*Esporte* — As medalhas esportivas sobre futebol, regatas, tennis, etc., enchem uma vitrine.

*Família Imperial* — Fatos relativos à família imperial do Brasil, como nascimentos, casamentos, proclamações, etc., estão fixados em medalhas diferentes.

*Brasil-colônia* — Peças muito antigas e muito interessantes, as que se referem ao Brasil-colônia, sob o domínio português, espanhol e holandês. Entre elas há uma curiosa medalha cunhada em 1596!

Sobre condecorações não podemos, por falta de espaço, tratar nem mesmo a correr... Mais uma vez repetimos:

a *Revista do Serviço Público* não pode ficar abafada com esta reportagem.

Então, vamos prosseguir, visitando a

#### SALA GUILHERME GUINLE

E' de moedas brasileiras, que são, mais ou menos, 13 mil!

Só o Sr. Guilherme Guinle doou ao Museu três mil, das quais excedem de mil as de ouro!

As mais antigas moedas desta sala datam de 1643 (contra marcas sobre patacas espanholas).

As primeiras moedas cunhadas no Brasil, consideradas de emergência, são de Recife, em 1645. Em 1646, surgem as obsidionais propriamente ditas e também de Recife.

Em 1654 são cunhadas as de prata do valor de 12 a 40 stubers, depois da capitulação dos holandeses na Campina do Taborda.

#### SALA SOTTO MAYOR

E' toda ela destinada à numismática portuguesa, compreendendo moedas, medalhas e condecorações portuguesas, não só da metrópole como de todas as suas possessões.

A coleção da Índia Portuguesa é uma das melhores existentes no mundo.

Um das mais antigas moedas existentes na "Sala Sotto Mayor" são os "morabitanos" (de ouro) do século XII, que começaram a circular em 1185 no reinado de D. Sancho I, o Povoador. Entretanto, ali mesmo na "Sala Sotto Mayor", podem ser vistas moedas anteriores aos "morabitanos", as de bilhão (dinheiro e mealha) de Afonso I, de 1128 a 1185!

O comendador Antônio Pedro de Andrade, sogro do general Lauro Müller, fez doação ao Museu de 14 mil peças! São moedas do Brasil, Portugal e outros países.

Deve-se, na maior parte, a riqueza da coleção portuguesa, sobretudo da parte que diz respeito às Índias Portuguesas, à doação Andrade.

Contribuiu para o desenvolvimento da riqueza da coleção brasileira de moedas a "Coleção Pedro Massena", adquirida pelo governo federal em 1922.

A coleção universal é composta de moedas e medalhas antigas de Roma, Grécia e de moedas medievais, muçulmanas e orientais (Japão, Coreia, China e Índias).

#### *Os técnicos que trabalham com o professor Edgar Romero*

Agrada-nos registrar aqui a colaboração dos técnicos que, ao lado do professor Edgar Romero, tanto têm contribuído para a classificação e outros estudos referentes ao patrimônio vultoso e variado das peças que integram a Secção de Numismática, Sigilografia e Filatelia.

O Sr. Alfredo Solano de Barros, profundo conhecedor de moedas brasileiras e portuguesas, é um desses técnicos de valor da casa. Aliás, já o conhecíamos através de sua colaboração aos *Anais do Museu Histórico Nacional*, onde fomos encontrar estes trabalhos seus: "A gênese da numismática brasileira" e "Estudo crítico e doutrinário sobre medalhas militares brasileiras".

A senhorita Iolanda Marcondes Portugal, conservadora diplomada no Curso de Museus, no qual sua tese versou sobre numismática, especializou-se nesta matéria e hoje,

trabalhando com seu antigo mestre Edgar Romero, vem também concorrendo para o desenvolvimento e sistemática organização dos serviços da Secção.

Nos *Anais* encontram-se dois trabalhos seus: "Moedas comemorativas do Brasil" e "A cerâmica na numismática". Atualmente, D. Iolanda Portugal se acha entregue à tarefa de classificar medalhas brasileiras e a série monetária dos francos.

A conservadora de museu, D. Jenny Dreyfus, que no momento classifica a série francesa de medalhas, já executou trabalho semelhante na parte de sigilografia da Secção. "O escudo d'armas de D. Teresa Cristina Maria de Bourbon" e "A sigilografia no Museu Histórico" são trabalhos de sua autoria nos *Anais*, aliás bem reveladores da competência dessa auxiliar do professor Romero.

O Sr. Pedro da Veiga Ornelas acha-se incumbido de fazer pesquisas na Biblioteca Nacional sobre fatos comemorados em medalhas do Brasil no Segundo Reinado.

Ao terminar essas informações sobre esses funcionários da Secção que dirige, o professor Romero assim as arrematou:

— E alí está o Baião — Joaquim Vaz Baião, que comigo trabalha há muitos anos, desde o tempo da Biblioteca Nacional, onde era guarda da Secção de Moedas. Por sinal que está êle tão prático em lidar com medalhas e moedas que chega a classificá-las com acêrto.

E, assim, de forma tão simpática, o professor Romero revelou interêsse e estima pelos seus auxiliares imediatos.

#### Aquisição de peças numismáticas em 1942

Moedas . . . . .	398
Ensaio monetários . . . . .	3
Medalhas e plaquetas . . . . .	689
Condecorações . . . . .	25
Distintivos . . . . .	5
Fitões e laços de ordens honoríficas . . . . .	13
Passadores . . . . .	2

Total . . . . . 1.135

Sendo:

Brasileiras . . . . .	219
Estrangeiras . . . . .	916

Total . . . . . 1.135

Modos de aquisição:

Compra . . . . .	1.079
Doação . . . . .	22
Permuta . . . . .	34

Total . . . . . 1.135

#### Estado do mealheiro em 1942

Peças numismáticas . . . . .	67.465	3.600.590,00
Duplicatas (moedas e medalhas) . . . . .	9.754	59.281,00
Peças sigilográficas . . . . .	324	28.800,00
Peças filatéticas . . . . .	21.443	71.100,00
Total . . . . .		3.759.771,00

#### Biblioteca técnica

1.400 obras, 1.973 volumes,	
1.738 fas. . . . .	105.314,00
Total . . . . .	3.865.085,00

Refugo:

Peças estragadas . . . . .	4.758
----------------------------	-------

#### Aquisição de peças numismáticas em 1943

Moedas . . . . .	155
Medalhas e plaquetas . . . . .	3.287
Jetons . . . . .	74
Preconícios monetiformes . . . . .	158
Distintivos e emblemas . . . . .	144
Condecorações . . . . .	13

3.831

Sendo:

Brasileiras . . . . .	2.388
Estrangeiras . . . . .	1.443

3.831

Modos de aquisição:

Compra . . . . .	112
Doação . . . . .	3.711
Permuta . . . . .	8

3.831

#### FIM DESTA REPORTAGEM

Com a revista às salas da Secção de Numismática terminamos nossa reportagem no 1.º andar do Museu. Vamos, portanto, agora ao 2.º, onde se encontram as Salas "Miguel Calmon" e "Coelho Neto", a Secretaria e a sala de aulas do Curso de Museus.

A esta altura, o simpático diretor da *Revista do Serviço Público*, ao fazer a leitura de nossos originais antes de remetê-los à Imprensa Nacional, há de dizer lá com seus botões:

— Mas, Ribeiro, isto não acaba mais?

E daqui já lhe respondemos:

— Ah!, meu velho, não tenho culpa de haver o doutor Gustavo Barroso ampliado tanto o Museu Histórico... Se esta reportagem fôsse feita quando se instalou a Casa do Brasil, de certo que, em três ou quatro páginas, poderíamos descrever suas duas únicas salas de então. Mas agora é impossível fazer isso...

#### Água gelada e ponta no lapis

Do 1.º andar descemos a correr à loja e naquele magnífico bebedouro elétrico junto à escada e ao lado da "Sala dos Vice-Reis", sorvemos esplêndida água gelada. Depois afiamos o lapis, já um toquinho, de tanto escrever, e voltamos à procura de nossa maior vítima, o gentilíssimo professor Menezes de Oliva, para orientar-nos suficientemente na

## • SALA MIGUEL CALMON

Situada no 2.º andar, a "Sala Miguel Calmon" é precedida, na sua frente para a praça Marechal Âncora e defrontando o mar, por graciosa varanda que lhe permite receber luz e ar, através de sete portas.

Já dissemos que a "Sala dos Vice-Reis" e a "D. João VI" são as mais atraentes e harmoniosas do Museu. Mas logo que entramos na "Miguel Calmon", ficamos inclinados a considerá-la também muito interessante.

Como é graciosa, delicada e acolhedora!

Revela a opulência da Bahia de outros tempos e sua graça de sempre, sua graça perene!

— Mas, professor Oliva, como conseguiu o Museu preciosidades tão finas e mimosas para representar condignamente a Bahia na Casa do Brasil?

— Com a generosidade, em gesto fidalgo, de ilustre dama — a Sra. Alice da Porciúncula du Pin e Almeida, Exma. viúva do saudável ministro Miguel Calmon. E sabe em quanto estão avaliados os objetos aqui expostos? Em cerca de quatro milhões de cruzeiros! Esta sala e a "Carlos Gomes" são mostruários de preciosidades e relíquias exclusivamente doadas pelas famílias de seus patronos.

*Dois bustos*

À entrada da sala, ladeando-a, estão os bustos de Miguel Calmon du Pin e Almeida (1879-1935) e do Marquês de Abrantes — Miguel Calmon du Pin e Almeida (1794-1865).

*Móveis*

A um canto, próximo do gabinete do diretor do Museu, se vê bela mesa estilo D. João V, de jacarandá, peça de mobiliário de solar de Recôncavo da Bahia, século XVIII, arte baiana. Sobre essa mesa, ergue-se esplêndido bronze, uma estatueta, em cuja base se lê: "Homenagem a Miguel Calmon pela vitória do cooperativismo do crédito no Brasil — Homenagem do 2.º Congresso do Crédito Popular e Agrícola — Agosto de 1925".

Secretária de jacarandá, estilo D. João V, de uso do visconde do Rio Vermelho, senador do Império e Presidente da Província da Bahia — 1800-1850.

Encontra-se também sobre essa secretária uma estatueta de bronze, oferta do Museu de Viena ao Dr. Miguel Calmon. No pedestal está gravado:

*"Honorum Dignate*

*Splendidissimo*

*et*

*Illustrissimo*

*Miguel Calmon du Pin e Almeida*

*In Perpetuam*

*Grati animi memorian*

*F. St."*

Uma cadeira de arruar que vale um poema! Que graça! E' da época de Luís XV. E pertenceu a uma princesinha francesa.

Se pudéssemos, pediríamos ao escritor Wanderley Pinho o registo à altura desse móvel gracioso e fino. Só um mestre como êle deve descrevê-lo.

Perto da sala de aulas do Museu, vimos ainda na sala Miguel Calmon bela mesa de alabastro e mármore da sala do conde de Passé. E' de estilo Renascença italiana. Esse móvel é proveniente da Bahia.

Buda japonês, de madeira dourada e esplendor de bronze, oferta do embaixador Hipólito Alves de Araújo à Família Calmon.

*Gobelins*

As paredes, a riqueza de quatro magníficos gobelins comprova o valor das peças expostas na "Sala Miguel Calmon". Dentre êles há um onde se vêem 17 figuras, o que o torna particularmente precioso, visto como — acentua o professor Oliva ao defrontá-lo — todos nós sabemos como já é valioso um gobelin com uma só figura. Imagine, então, êste com 17! E' muito raro e valiosíssimo.

Cada gobelin da Sala Miguel Calmon vale de 300 a 400 mil cruzeiros!

*Dois belos quadros*

O professor Menezes de Oliva leva-nos a ver uma tela e nos diz:

— Êste belo quadro é de Nicola Poussin (1594-1665). E' referente a S. João Evangelista. Observe a doçura do olhar do santo, de um verdadeiro iluminado! Essa tela tem mais de 300 anos de existência e veja que seu estado de conservação é ainda bem louvável. Êsse quadro foi expertizado no Museu do Louvre, quando adquirido em Paris por D. Alice de Porciúncula.

— Outro quadro notável, "O pôr do sol", do pintor espanhol Z. Graner, que esteve há anos no Brasil e aqui pintou alguns quadros, continuou o professor Oliva. Êste é um dêles. Talvez retrate um dêesses poentes magníficos, vistos das margens da lagoa de Jacarepaguá.

Na "Sala Miguel Calmon" ainda há outras telas de valor. Mas precisamos de espaço para outras coisas também...

*Era colecionador de bom gosto...*

Voltando aos móveis: há no recanto da sala, assinalado pelo quadro acima, uma vistosa mesa redonda de bronze. Ao centro, a figura do rei Luís XV, rodeada por 17 figuras de mulheres que foram suas favoritas. Há quem colecionasse selos, besouros e até caixas de fósforos. Luís XV, como se vê, era um homem de gosto... colecionava mulheres bonitas...

*Leques*

E' profusa a coleção de leques expostos na "Sala Miguel Calmon". São ao todo 21, alguns preciosos não só porque as suas vareças são filigranadas de ouro, mas também porque muitos dêles fazem alusão a acontecimentos que se prendem à história de nosso país. Não podemos deixar de fazer menção a um leque comemorativo da aclamação de D. João VI, no qual há uma sugestiva alegoria com as datas de 13 de maio de 1767 e 6 de fevereiro de 1818. A primeira marca a data natalícia do rei, e a segunda, a de sua aclamação, como rei de Portugal, Brasil e Algarves.

Nessa coleção há vários leques franceses, século XVIII, alusivos à corte de Luís XIII, assim como cenas da corte de Mme. de Maintenon.

Nas duas vitrines de leques se encontram várias miniaturas sobre cobre e retratos da família imperial.

#### *Jóias*

Em matéria de jóias antigas é realmente sedutor o aspecto de uma dessas vitrines, pois aí contemplamos desde um resplendor, de prata dourada e crisólidas, de antiga imagem, até braceletes de ouro com a efígie de D. Pedro II, usados pelas negras baianas nos dias de procissão na cidade do Salvador.

E' riquíssima a coleção de relógios antigos em ouro, esmalte e pedras preciosas, assim como os relicários do mais fino labor de ourivesaria portuguesa do século XVIII.

Alí está um topázio lapidado, proveniente da Bahia, e um dos maiores que se conhecem de tal procedência.

Os brincos dessa vitrine dão vontade à gente de ter conhecido suas portadoras baianas cheias de vida e de estuante graça.

A coleção de anéis é também muito bonita.

Medalhões de prata, ouro e esmalte em profusão. No canto da vitrine vimos uma adaga de caça, estilo Luís XVIII, oferta do Duque de Nemour, pai do Conde D'Eu, ao barão Moniz de Aragão.

#### *Objetos de prata*

Uma penca de vistosos balangandans, em sua argola típica, parece-nos de tamanho exagerado para ser usada ao pescoço. Revelamos essa nossa estranheza ao professor Menezes de Oliva, que logo nos fez sossegar:

— Não era para ser usada como você pensa. As baianas, nos dias de festas, traziam essa penca à cintura. E, depois, acrescentou: alí está uma coisa que hoje não se usa mais. E' aquela artística bandeja de prata, com sua espevitadeira.

— Espevitadeira?

— Sim, espevitadeira. Você naturalmente conhece por aí muita gente *espevitadeira*, denominação, aliás, muito expressiva. A espevitadeira é aquela tesoura que você está vendo dentro da bandeja. Servia para *espevitar* a luz, com o corte da torcida da lâmpada, alimentada a azeite ou querosene. Essas duas peças, que se completam, pertenceram a Ildefonso Simões Lopes, grande proprietário riograndense, pai do visconde da Graça. E, realmente, a espevitadeira traz estas iniciais: I. S. L.

Uma grande lâmpada de prata portuguesa, século XVII, estilo Renascença, que pertenceu a uma das igrejas da Bahia colonial e faz "pendant" com um par de jarras de porcelana e bronze, da coleção do Dr. Simão da Porciúncula; castiçais, salvas, escudelas, paliteiros e copos de prata, etc.

Ligadas a acontecimentos políticos da vida do ministro Miguel Calmon encontram-se expostas umas tantas placas de ouro e brilhante; canetas e medalhas de ouro oferecidas pelos seus admiradores por ocasião da inauguração de vários serviços públicos de iniciativa do saudável ministro do Estado.

Entre essas peças merece destaque a medalha de ouro comemorativa do meio centenário da Estrada de Ferro Central do Brasil. Acredita-se que só tenham sido gravadas três dessas medalhas. Uma que teria sido oferecida ao Presidente da República, outra ao Dr. Paulo de Frontin, e a terceira, que alí está no Museu Histórico.

#### *Porcelanas*

Embora não seja extensa, a coleção de porcelanas é admirável pelo valor de suas peças. Um prato de louça da China, proveniente das coleções da Sra. Simão da Porciúncula, devia ter pertencido a um alto dignatário chinês, assim como uma tigela, também de louça da China, da coleção do Dr. Inocêncio Marques de Góis Calmon, da Bahia, atestam a raridade das peças da coleção "Miguel Calmon".

#### *Esculturas em casca de cajazeira*

Em pequena vitrine fronteira à porta de entrada da "Sala Miguel Calmon" estão expostas esculturas em casca de cajazeira, do artista baiano Erotides Américo de Araújo Lopes, feitas a canivete e que reproduzem tipos de rua da Bahia. Assim é que lá estão: o aguadeiro, a baiana endomingada, o vendedor de bananas, o ganhador e a peixeira, os quais traem, nos seus mínimos detalhes, os traços raciais das diferentes nações de negros, que aportaram à Bahia até a extinção do tráfico.

#### *Biblioteca Miguel Calmon*

A Biblioteca Miguel Calmon, também doação da excelentíssima Sra. Alice Calmon, é composta de obras somente sobre história do Brasil. Constitue hoje a brasileira do Museu e consta de 1705 volumes.

A Casa do Brasil tem ainda no gabinete de seu diretor e na sala de aulas do Curso de Museus mais 3.480 volumes, sobre história em geral e arte.

#### *SALA COELHO NETO*

A Sala Coelho Neto é o gabinete do diretor. Está guardada de móveis que pertenceram ao grande escritor brasileiro e vieram de sua residência na antiga rua do Roso.

A mesa de Coelho Neto, a sua cadeira de couro de alto espaldar, as estantes envidraçadas, tôdas peças de jacerandá de fino labor, dão ao gabinete distinta apresentação.

Ao centro da sala se acha o relicário "Portugal Maior", oferta da colônia portuguesa ao presidente Washington Luís.

Lemos em letras de ouro nesse relicário:

"Destroços do "Junker" em que o meu camarada Sacadura Cabral perdeu a vida em 15 de novembro de 1924. — Gago Coutinho".

#### *Sala de aulas do Museu*

Nesta sala há uma soberba tela de Parreiras e duas outras de De Martino, que defrontam um quadro a óleo de Eu-

gênio Teixeira, representando a comunhão de Colombo na América.

A sala de aulas é também a de Conferências do Museu, a qual já conhecíamos quando lá estivemos há tempos a ouvir interessante conferência do Sr. Luís da Câmara Cascudo sobre "Lenda do Jurupari".

Além das telas acima, vê-se ao alto o retrato do Dr. Gustavo Barroso, envergando seu fardão de acadêmico — delicada homenagem dos antigos funcionários da casa ao seu ilustre chefe e amigo.

E com a visita a esta sala terminou a estafante tarefa do professor Menezes de Oliva em guiar-nos através do Museu.

Durante toda a visita por várias vezes tivemos ensêjo de ouvir do noso amável *cicerone* referências muito lisonjeiras a seus auxiliares Fortunée Levy, Luiz Marques Poliano e Nilza Botelho, ressaltando-lhes a colaboração ao defrontar objetos por êles estudados. E sorrindo acentuou:

— Esta contribuição você vai constatar também nos nossos *Anais*, onde há trabalhos firmados por êsses conservadores que aquí trabalham sob a alta direção de Gustavo Barroso.

#### *O histórico da Casa do Brasil*

E' ainda dessa magnífica publicação, os *Anais do Museu Histórico Nacional*, que podemos extrair algumas informações sobre o histórico da Casa do Brasil.

O conservador Adolfo Dumans, um dos funcionários mais esforçados do Museu, onde iniciou a carreira em cargo bem modesto e conseguiu, à custa de seu próprio esforço e seguindo inteligentemente a orientação dos mestres da casa, galgar posição que lhe permitirá, sem dúvida, ainda mais relêvo na carreira que abraçou, presenteia-nos com minucioso trabalho, publicado no vol. I dos referidos *Anais*, sob o título "O Museu Histórico Nacional através dos seus 19 anos de existência".

Hoje, a Casa do Brasil já alcançou a maioridade, passando dos 21 anos.

Os dados referentes até 1943, que não estão lançados na referida publicação, editado há dois anos atrás, serão publicados aquí nesta reportagem em apontamentos tomados agora na secretaria da casa.

Assim, pois, o que se vai ler a princípio, e estará devidamente assinalado por aspas, é extraído do trabalho do Sr. Adolfo Dumans.

Então, vamos lá e dois pontos:

"A 12 de outubro de 1922 inaugurava-se no Rio de Janeiro o Museu Histórico Nacional, instituto votado ao culto da História, ao estímulo dos sentimentos cívicos e patrióticos do povo brasileiro. Nelê estão depositadas lembranças e testemunhos da glória nacional, esclarecedoras das nossas origens e feitos.

O Museu Histórico é, indubitavelmente, uma instituição destinada a ininterrupto crescimento, em razão dos seus fins culturais e patrióticos. Criado em 1922, organizado pelo Dr. Gustavo Barroso com escassos recursos e material reduzido, nestes 19 anos decorridos tornou-se o mais importante museu da América do Sul,

quantitativa e qualitativamente. As doações de particulares, que de contínuo lhe enriquecem as coleções, o interesse que tem merecido da administração pública, os trabalhos desenvolvidos pelo funcionalismo da Casa, constituem outros tantos fatores do desenvolvimento e valorização do nosso instituto. Necessita êle, deveras, de condições materiais indispensáveis, para que o seu constante aumento não importe em prejuízo dos objetos expostos.

Lutamos com várias dificuldades que derivam da extrema parcimônia orçamentária e da falta de pessoal que, ao início da vida desta repartição, era o estritamente preciso para os seus serviços e hoje pode atender aos múltiplos encargos correspondentes ao desdobramento das salas, ao estudo dos objetos, aos cursos de erudição que mantemos, ao movimento de visitantes e à fiscalização dos mostruários. Por outro lado, o edifício do Museu já não comporta todas as suas coleções, pelo recebimento de objetos pesados de nossa marinha de guerra. Arrecadamos, igualmente, todas as peças históricas ao nosso alcance, na cidade e nos Estados.

O Museu começou, em 1922, com duas salas, e hoje distribue os seus mostruários por vinte e duas salas, que se acham repletas, constituindo uma fonte preciosíssima de estudos e ensinamentos, repositório magnífico de objetos históricos altamente valiosos".

#### *Origem*

"O Museu Histórico Nacional, criado pelo decreto n. 15.596, de 2 de agosto de 1922, surgiu numa fase em que se comemorava o primeiro centenário da nossa emancipação política. As festas da Independência levaram o govêrno à convicção de que constituía lacuna imperdoável a falta de um departamento oficial que reunisse, com objetivo cívico e cultural, metódicamente, tudo aquilo que lembrasse um fato, que marcasse episódios das nossas glórias do passado".

E, prosseguindo, afirma o Sr. Adolfo Dumans:

Dispondo, como núcleo inicial, das coleções do antigo Museu de Artilharia, do Arquivo Nacional e da Secção de Numismática da Biblioteca Nacional, foram os objetos distribuídos pelas dependências do velho edifício, aproveitando-se os armários, as estantes e outros móveis que serviram aos mostruários na Exposição do Centenário. Além disso, várias doações e auxílios para instalação foram recebidos, cumprindo destacar, dentre todos, os provenientes da família Guinle.

#### *Edifício do Museu*

O edifício em que se acha instalada essa instituição que se chama "Casa do Brasil" é uma das antigas construções da cidade. Compõe-se de três partes distintas: a Casa do Trem, posteriormente Casa da Ordem, construída em 1767; o corpo do verdadeiro Arsenal de Guerra, erguido em 1822, e o Anexo, levantado em 1835.

Sôbre a porta principal da antiga Casa do Trem, obedecendo ao estilo barroco português, lê-se em cartela de granito a seguinte inscrição :

LVSIADVM PRIMO JOSEPHO  
SCEPTRA TENENTE  
QVI REGNVN EXEMPLVM  
EST MAXIMVS ORBIS HONOR  
ET BOBADELLA COMITE  
IMPERITANTE SVB AVRAS  
HAE EST MILITIBVS CONFABRICATA  
DOMVS  
ANNO DÑI. MDCCLXVII

Com o renascimento das coleções, apresentou-se o problema da falta de espaço. Procurando resolvê-lo, o atual Governo executou obras de vulto no edifício, durante todo o ano de 1938, fazendo pintura geral e colocando tacos nos pisos das salas principais. Essas obras, dirigidas e executadas através da Diretoria de Obras do Ministério da Educação, melhoraram grandemente as nossas instalações. Levantou-se mais um andar em duas faces do corpo central do edifício, dotando-o de mais dois vastos salões, destinados, um, aos objetos do período republicano, e outro, aos do período colonial — Salas Deodoro da Fonseca e D. João VI. Sôbre os pequenos pátios da parte anterior do edifício construíram-se mais quatro pequenas salas destinadas à Secretaria, Biblioteca Brasileira Calmon, Biblioteca de Numismática e Gabinete do chefe da 2.<sup>a</sup> Secção.”

O Sr. Adolfo Dumans, depois de nos falar na Primeira Secção (História), dirigida pelo professor Menezes de Oliva, e na Segunda (Numismática), a cuja frente se acha o professor Edgar de Araújo Romero, passa a ressaltar o que tem sido o

#### *Papel educativo e cultural do Museu*

“E’ comum ouvir-se que o nível cultural de um povo pode ser aferido pelo número de Museus que possui. Se verdadeiro o conceito, estaríamos em posição talvez não muito lisonjeira, mas são confortadores os esforços dos novos. A êste respeito não podemos deixar de referir, como obra do atual Governo — neste setor orientado pela inteligência e patriotismo do senhor ministro da Educação e Saúde, Dr. Gustavo Capanema — a organização do Museu de Belas Artes, a fundação do Museu Imperial em Petrópolis, o das Missões, o do Ouro, em Sabará, e o da Inconfidência, em Ouro Preto.

No Museu Histórico teve início a Inspeção de Monumentos Nacionais, orientadora das obras de conservação da cidade de Ouro Preto, elevada à categoria de Monumento Nacional. Não há negar que o Museu Histórico foi o início de uma valiosa série de empreendimentos culturais de grande valor.

A êsse movimento se associa um louvável interesse do público, traduzido não só no crescente número de visitantes, como, principalmente, na sua cooperação direta, através de doações, não raro valiosas.

Além do interesse cívico que desperta, a documentação que o Museu oferece é elemento de grande influência educacional.

Como centro cultural, o Museu Histórico criou no país cogitações inteiramente novas, pelo menos com um sentido de agrupamento e especialização, através do *Curso de Museus*, instituído pelo decreto n. 21.129, de 7 de março de 1932. As matérias são dadas em dois anos letivos a pessoas que tenham, pelo menos, o curso secundário completo, assim distribuídas :

1.<sup>o</sup> ano — História do Brasil (período colonial), Numismática (parte geral), História da Arte Brasileira, Arqueologia (parte geral), Técnica de Museus (1.<sup>a</sup> parte).

2.<sup>o</sup> ano — História do Brasil (até a atualidade), Numismática e Sigilografia (parte brasileira), Técnica de Museus (2.<sup>a</sup> parte) e Arqueologia (parte brasileira).

O curso entrou em funcionamento após a sua instituição, com o duplo fim de recrutar e selecionar os futuros funcionários de Museu e de difundir conhecimentos úteis.

Desde a sua fundação, inscreveram-se 205 alunos de ambos os sexos, com predominância do elemento feminino, tendo feito exames e logrado aprovação apenas 62 museologistas, habilitados, pela lei que instituiu o curso, a ocupar os cargos iniciais da repartição.

Conferências e cursos rápidos, de extensão universitária, sôbre assuntos históricos, folclóricos e de História Militar têm sido ministrados, além de sessões cívicas e comemorativas, por expoentes nacionais e estrangeiros. A parte cultural do Museu tem sido perfeitamente atendida”.

#### *Conferências*

O Sr. Adolfo Dumans assim prossegue sôbre o perfil educativo e cultural do Museu, a partir de 1931, quando o Museu inaugurou a sua exposição comemorativa do centenário da queda do primeiro Imperador :

“No ano seguinte, estimulado pelo aprêço do Governo Federal, o Museu Histórico tomava outra iniciativa : — instalava o curso de museus, e cursos especiais e conferências sôbre assuntos da história pátria, de numismática, de arqueologia, etc. Nessas palestras, além dos professores da Casa, tomaram parte o ex-reitor da Universidade do Rio de Janeiro, professor Fernando Magalhães, o Dr. José Mariano (filho), o professor Mendes Corrêa, o arquiteto Raul Lino, ambos do Pôrto, entre outros mais”.

#### *Conversando com a secretária do Curso de Museus*

Vamos aos apontamentos colhidos agora para esta reportagem na secretaria do Museu.

Acabávamos de percorrer as “Salas Miguel Calmon” e “Coelho Neto” e depois estivemos na sala de aulas do Curso de Museus, quando nos ocorreu ir também à secretaria, a fim de tomar as informações complementares desta parte da reportagem.

Aí falamos à secretária do Curso de Museus, senhorita Nair de Moraes Carvalho. Tão distraída estava com o

serviço, que nem percebeu a nossa entrada em sua pequena sala de trabalho.

O Dr. Gustavo Barroso conseguiu harmoniosa disciplina em tôdas as secções da casa, que dirige de forma a ter de seus auxiliares sincera e espontânea colaboração, até mesmo em serviços que, por sua natureza, não se pode dizer que sejam lá muito atraentes, como, por exemplo, êsses que dizem respeito à matrícula de alunos, estatística de freqüência, fiscalização de provas escritas, fornecimento de informações a alunos de resoluções do diretor do curso, etc., etc. Só a fiscalização de provas escritas constitue penosa e delicada tarefa, fácil de compreender-se.

D. Nair de Moraes Carvalho fez-nos sentar a seu lado e, às nossas primeiras perguntas, revelou-se logo perfeitamente integrada nas suas funções com o conhecimento exato da vida cultural do Instituto não só através do curso mas também das conferências nele realizadas por vários intelectuais, convidados ilustres do Dr. Gustavo Barroso, que vão leyar à Casa do Brasil valiosa contribuição, sobretudo àqueles que a freqüentam visando adquirir seguro conhecimento de nossa história e de nossa arte.

Simulamos completa ignorância do que seja o Curso de Museus e chegamos, de propósito, a considerá-lo até desnecessário... E, ao assim proceder, a figura simpática, viva e inteligente de uma antiga aluna, que se diplomou no Curso de Museus, a nossa amiguinha D. Gildinha de Almeida, veio-nos à lembrança.

Parece-nos até que a vimos, com sua figura graciosa, a fazer-nos um muchoco, misto de ternura e malícia e um pouco de azedume, e dizer-nos :

— Que gracinha !

E, sorrindo, como a lhe pedir desculpas, não sabemos se lhe respondemos na ocasião à censura. Mas aquí o fazemos em tempo :

— Depois explico...

— Então, D. Nair, o curso ainda está funcionando?

— Sem dúvida ! Desde sua fundação, há doze anos atrás, as matrículas aumentam em proporção quase geométrica. Posso lhe assegurar que é grande o interêsse despertado pelo Curso entre a mocidade, não só como caminho para a carreira de conservador, mas também como seguro meio de cultivar e aperfeiçoar conhecimentos interessantes e úteis.

— E que é necessário para a matrícula ?

— Pagar a taxa de 50 cruzeiros.

— Só isso ?

— Só isso, não ! E' preciso ter preparatórios, o curso ginasial. Que bom seria se os novos alunos viessem com preparo suficiente, para progredir logo no início do curso ! Mas, infelizmente, não é assim. Grande parte dêles revela preparo insuficiente nas disciplinas básicas do curso ginasial. Daí o fato da direção do curso, por não haver aquí exame vestibular, fazer a seleção dos alunos durante a vigência do próprio curso por meio de provas e exames rigorosos.

— Naturalmente já se observou, com o tempo, se é sincero da parte dos alunos o interêsse por coisas históricas, inclinação pela arte...

— Nem sempre. A tendência de muitos alunos é para obtenção pura e simples do diploma, embora sem o merecer,

o que faz com que se imponha às provas e exames, bem como ao ensino das matérias e à freqüência, o maior rigor.

— De vez em quando um ou outro deve achar ruim êsse apuramento de valores...

— Sim, é possível... Por isso é que eu acho necessário fazer-se uma regulamentação severa do curso, que não permita recursos dos interessados para anulação do rigor indispensável às provas e exames.

— E qual a sua observação, durante tanto tempo nesse trabalho, dos resultados práticos do Curso ?

— O que tenho observado é isto — mas é bom tomar nota senão o senhor pode esquecer :

Melhoramentos constantes do ensino por parte dos professores, que adquirem melhor prática e maior experiência.

Aproveitamento de jovens estudiosos que aprimoram seus dotes culturais.

Apresentação aos concursos da carreira de conservador, de pessoal regularmente preparado que tem sempre tirado os primeiros lugares.

Obtenção mediata de funcionários com preparo técnico para o serviço do Museu.

Criação duma reserva de pessoal experimentado e preparado para os atuais e futuros museus.

— E quantos alunos já se matricularam no curso de 1932 a 1943 ?

— 450.

— E diplomados ?

— 119. Preste bem atenção : 119 apenas...

— E por essa trabalhadeira tôda que a senhora tem, a senhora, os professores e o diretor do curso, naturalmente recebem boa gratificação...

— Gostaria de não tocar neste assunto. Não quero decepcioná-lo, ao senhor que está tão animado com suas notas, a sua reportagem, que vou ler com muito interêsse... E é verdade, quando sai ela na *Revista do Serviço Público* ?

— A 1 de fevereiro. Mas, D. Nair, prometo trazer-lhe uma exemplar da *Revista*, no mesmo dia em que sair. O que desejo é esta informação: — Quanto ganham o diretor, os professores do curso e a senhora com êste trabalho extraordinário de preparar e formar conservadores de museus ?

— Até agora nada... Há promessa de pagamento...

— E a renda que produz o curso ?

— E' recolhida à tesouraria do Ministério da Educação. E está crescendo todos os anos...

Antes não houvéssemos insistido em nossa bisbilhote : ficamos realmente decepcionados !

— Bem, D. Nair, e as conferências têm continuado ?

— Além das que o Sr. Dumans menciona em seu trabalho, foram realizadas mais estas dos Srs. : André Dreyfus, sobre Genética; Luiz da Câmara Cascudo, sobre "A lenda do Jurupari"; Oreste Plath, sobre Artes Populares no Chile.

#### ANAIIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

A divulgação das atividades da Casa do Brasil é feita nos *Anais do Museu Histórico Nacional*. Não se trata de relatório da administração da casa, mas de magnífica publicação, fartamente ilustrada e na qual se encontram trabalhos subscritos pelo diretor Dr. Gustavo Barroso e seus auxiliares.

Já foram publicados dois volumes, os correspondentes a 1940 e 1941. Quanto ao de 1942, as provas estavam sendo revistas quando colhíamos notas para esta reportagem. *Sumário do Vol. 1:*

GUSTAVO BARROSO — “Mobiliário Luso-Brasileiro”.

EDGAR DE ARAÚJO ROMERO — “O meio circulante no Brasil Holandês”.

MENEZES DE OLIVA — “Os falsos painéis de Leandro Joaquim”.

ANGYONE COSTA — “Ainda sobre Lund e a Lagoa Santa”.

LUIZ MARQUES POLIANO — “Moedas da Soberana Ordem do Hospital de São João Batista de Jerusalém”.

ALFREDO SOLANO DE BARROS — “A gênese da Numismática Brasileira”.

PAULO OLINTO — “Lenço comemorativo da República Rio-Grandense”.

NAIR DE MORAIS CARVALHO — “A jangada libertadora”.

IOLANDA MARCONDES PORTUGAL — “Moedas comemorativas do Brasil”.

JENNY DREYFUS — “O escudo d'armas de D. Teresa Cristina Maria de Bourbon”.

ALFREDO TEODORO RUSINS — “Brigadeiro João Guilherme Bruce”.

NILZA MARIA VILELA BOTELHO — “Estudos sobre a Ordem do Cruzeiro”.

OTÁVIA DE CASTRO CORRÊA — “A atuação de Gomensoro no Combate Naval do Riachuelo”.

FORTUNÉE LEVY — “A Casa da Moeda da Bahia”.

ADOLFO DUMANS — “O Museu Histórico Nacional através dos seus 19 anos de existência”.

*Apêndice:*

GUSTAVO BARROSO — “A Exposição Histórica do Brasil em Portugal e seu catálogo”.

MUSEU HISTÓRICO — “Um enigma heráldico”.

“Uma doação preciosa”.

“Duas preciosidades iconográficas”.

“Relação dos objetos transferidos do Museu Histórico Nacional para o Museu Imperial de Petrópolis”.

*Sumário do Vol. II:*

GUSTAVO BARROSO — “A Caricatura Inglesa no Museu Histórico”.

EDGAR DE ARAÚJO ROMERO — “O Estado do Maranhão e o seu meio circulante”.

MENEZES DE OLIVA — “Tentativa de classificação dos balangandans”.

ANGYONE COSTA — “Ladislau Neto”.

LUIZ MARQUES POLIANO — “Ordens honoríficas do Governo Provisório”.

ALFREDO SOLANO DE BARROS — “Estudo crítico e doutrinário sobre Medalhas Militares Brasileiras”.

PAULO OLINTO — “Uma joia da armaria”.

NAIR DE MORAES CARVALHO — “Os painéis dos antigos Passos da Baía”.

IOLANDA MARCONDES PORTUGAL — “A cerâmica na numismática”.

JENNY DREYFUS — “A sigilografia no Museu Histórico”.

ALFREDO TEODORO RUSINS — “As cartuagens imperiais do Brasil”.

NILZA BOTELHO — “A medalha da Passagem de Humaitá”.

OTÁVIA DE CASTRO CORRÊA — “O Baile da Ilha Fiscal”.

FORTUNÉE LEVY — “A circulação fiduciária no Distrito Diamantino”.

ADOLFO DUMANS — “O Marechal Barão de Taquarí”.

MÁRIO BARATA — “O problema da primeira Casa da Moeda do Brasil”.

*Apêndice:*

GUSTAVO BARROSO — *História e Tradição:*

- 1 — As armas dos Góis no Museu Histórico.
- 2 — Oratórios coloniais.
- 3 — A força de Tiradentes.
- 4 — O assassinio de Damião de Góis.
- 5 — O Rei da Patagônia.
- 6 — O Libertador de Anahuac.
- Um capítulo de arte popular.
- Biografia do Marechal de Campo José Luiz Menna Barreto.

A. SOLANO DE BARROS — Gravadores e abridores de cunho:

- I — Gravadores da Imprensa Régia.
- II — Abridores de cunhos nas Casas da Moeda Portuguesas.

MUSEU HISTÓRICO — Dois canhões históricos.

- Uma peça admirável.
- Relíquia dos tempos coloniais.
- Relação da Guerra da Nova Colônia do Sacramento.